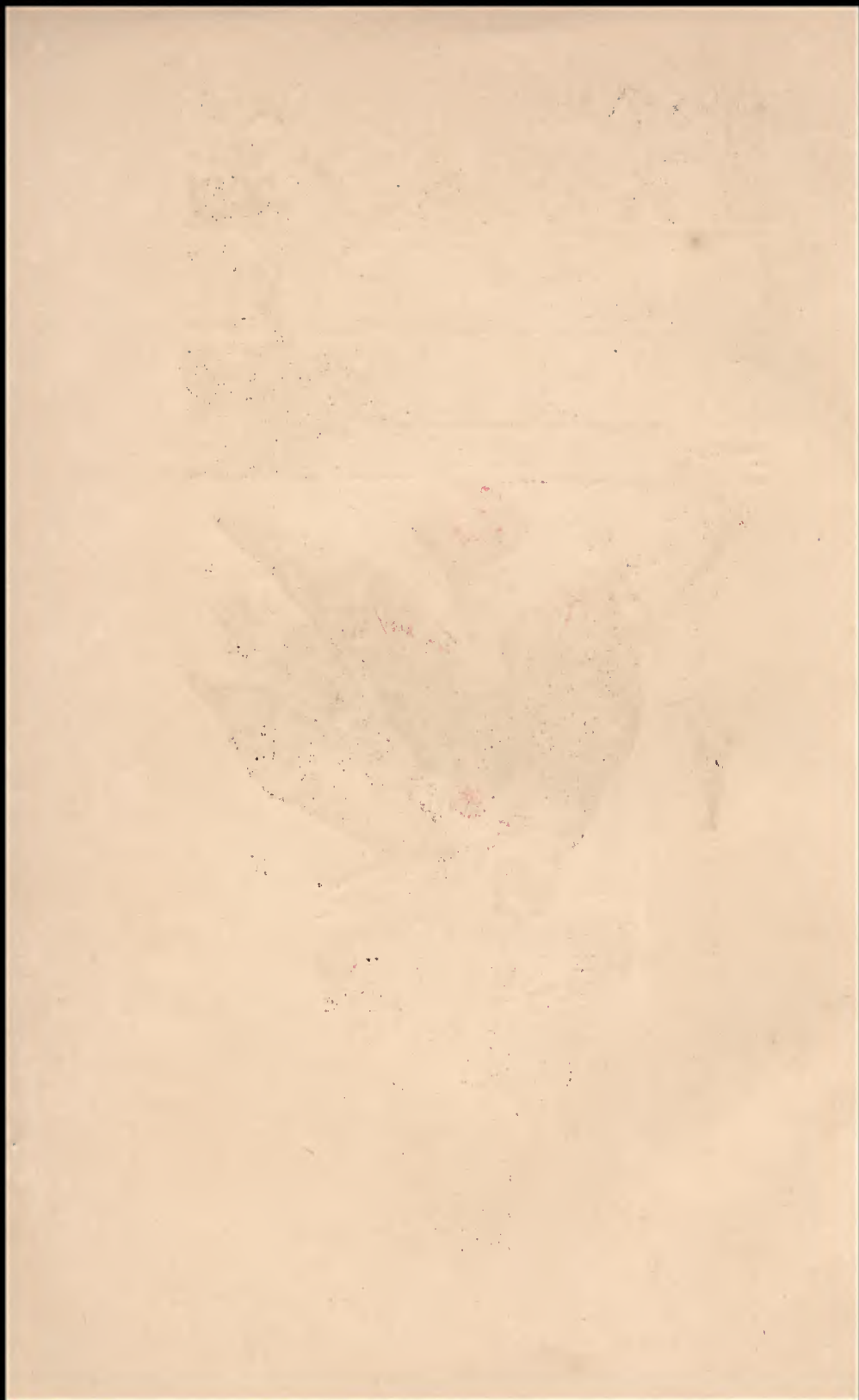


DOQUE ALLAGE
CHRONICA
CONTINUA
MCMXX



D I T O D E S
VIVIT CO CORPUS
QUE ANIA
DIVE ARIA BRIATU
P AMBRO GRAD
DE CENHO E
DRA ANO





CHRONICAS E CONTOS



CRONICAS E CONTOS



DO MESMO AUTOR:

Publicados:

ESCOMBROS (contos) exgottado

TERRA GAÚCHA (scenas da vida rio-grandense)
exgottado

TERRA NATAL (aspectos e impressões do Rio
Grande do Sul)

A sahir:

RINCÃO (contos regionaes)

FRONTEIRA (romance da vida gaúcha)

ATRAVÉS DO RIO GRANDE (paisagens e im-
pressões)



DO MEISMO AUTOR:

—

—

—

—

—

—

—

—

—

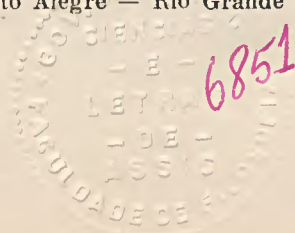
—

ROQUE CALLAGE

CHRONICAS E CONTOS

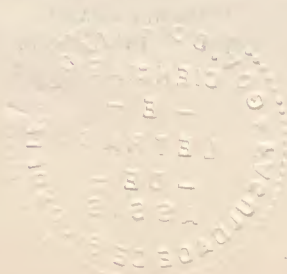
1920

EDITORES: AUGUSTO CORRÊA & DANIA
LIVRARIA BRASIL
Porto Alegre — Rio Grande do Sul



BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS													
Data	<table border="1"> <tr> <td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td> </tr> <tr> <td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td> </tr> </table>												
Tembo	<table border="1"> <tr> <td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td> </tr> <tr> <td colspan="6"></td> </tr> </table>												

7
 C 156c
 KLB
 3448



CHRONICAS



CHRONICAS



NO OLVIDO

Ao folhear com certo interesse emotivo um pequeno volume de versos de Apollinario Porto Alegre — «Flores da Morte» — comecei a pensar na grande facilidade com que esquecemos os espiritos que illuminaram as nossas lettras, já de per si tão parcas e minguadas. Apollinario está incluído nesse caso, devéras lamentavel. Como elle, muitos outros do seu tempo. De alguns já nem nos lembramos; de outros nem sequer seus nomes lograram vir até nós. Prova-se, dest'arte, que tivemos homens de raro valor intellectual que aqui viveram e morreram, completamente desapercibidos... Essa indifferença, profundamente lamentavel talvez se explique pela falta de cultura nossa, e pela falta ainda maior de meios de propagação de suas obras. Por parte do publico lia além disso, uma manifesta prevenção contra tudo o que é nosso. E' natural essa indifferença. Prata de casa não serve; a quem vem de fóra, sim; é a bôa, a legitima, a que tem valôr...

Applicado aos nossos homens de lettras, o caso é o mesmo. O exemplo de Apollinario Porto



Alegre é frisante. Pésa sobre elle, sobre sua memoria, sobre seu espirito, uma verdadeira tampa de chumbo. Entretanto, só por si, «Flores da Morte» é um livro revelador de um grande poeta original e espontaneo. Acontece, porém, que Apollinario foi mais do que isso: foi um polygrapho admiravel, conhecedor da nossa lingua, da nossa historia, da nossa tradição, do nosso *folk-lore*, possuindo uma rara visão das cousas que o cercavam. Ahi estão publicados em vida do autor um sem numero de trabalhos em que se destacam «Polemica», «Paizagens», (livro de contos) «Creoulo do Pastoreio», (scenas da escravidão) «Graciana», «Flôr de Laranja» «O homem do Seculo», «Palmares» (romance historico) «Cain», (lenda biblica) além de um grande numero de livros de poesias e poemas de diversos moldes, podendo ser citados «Bromelias», «Gabila», «America», etc.

A sua obra inedita constituida de mais de trinta volumes que uma vez dados á estampa bastariam para enriquecer e elevar não só o Rio Grande e a litteratura rio-grandense do sul, como a propria litteratura nacional onde o saudoso escriptor tem logar de merecido destaque. A parte referente ao «Popularium Sul Riograndense», formada por um completo estudo de philologia portugueza e a sua evolução na America, é só por si um verdadeiro monumento. Nesse trabalho que monta em mais de dez volumes Apollinario Porto Alegre estuda as lendas, costumes, habitos, os processos tupyguaranys na formação da linguagem gaúcha da



campanha, todos os costumes enfim que ainda perduram dos elementos bantús, quechúas e aztecas, etc. rematando o seu trabalho com amplas anotações a todos os dictionarios conhecidos da lingua portuguesa. Ocioso será fallar do valor e utilidade dessa obra monumental, que engrandece uma lingua e define um polygrapho.

No numero das cousas ineditas do mesmo autor estão ainda os livros «Estigmas e Apotheoses», «Lyra Patriotica» «Contos do Exilio», e um livro unico no assumpto, pelo seu valor e pela sua documentação, «Historia da Revolução de 1835».

Vasta e brilhante tambem foi a sua collaboração na «Revista do Parthenon Litterario» á qual Apollinario emprestou o maximo do seu talento e da sua energia. Dessa collaboração aliás notavel, podiam ainda ser organisados muitos volumes de assumptos interessantes sobre theatro, politica, historia e cousas referentes á nossa tradição.

Como esse, muitos outros escriptores filhos do Rio Grande do Sul, de real merecimento ou que foram pelo menos os arautos da nossa iniciação litteraria, ali jazem completamente ignorados do publico por não haver até agora quem se interessasse pela divulgação de seus trabalhos. E' doloroso, e até certo ponto humilhante confessar, mas até agora não tivemos um só governo (aliás tem sido sempre um só!) que se lembrasse de organizar e editar os preciosos ineditos daquelle erudito espirito, mestre de duas gerações de ingratos. A homenagem mais bella que se podia pres-



tar á sua memoria era publicar a sua obra. Quem isso fizesse teria erguido um monumento ás letras do Brasil. Mas, para que fallar em semelhante cousa deante dessa formidavel barreira que ahi está — a politica?...

Apollinario Porto Alegre continuará assim no olvido, e com elle, as brilhantes manifestações do seu espirito tão bello em sonhos, tão vivo de ensinamentos e tão rico de amor pela terra hostile que lhe serviu de berço.



A CONFUSÃO DAS LINGUAS...

Já de algum tempo que a Prefeitura do Rio tomou decisivas medidas no sentido da nacionalização de cartazes, annuncios e reclamos commerciaes.

Ninguém jámais negará a justiça e a providencia dessa resolução. Ella nos vem abrir os olhos para um perigo que dia a dia se torna mais imminente, arrastando a linguagem a uma verdadeira balburdia. A essa confusão de expressões que se nos deparam por toda parte, principalmente no Rio, em caracteres de toda maneira, sob mil e um aspectos diversos, desde o inglez complicado ao italiano macarronico, junte-se ainda o desmerecimento com que é tratado o vernaculo quando delle o annunciante é obrigado a fazer uzo. Obrigado, dizemos, porque a preferencia sempre tendeu para o francez e, em alguns Estados, para o allemão. Até bem pouco tempo, antes da guerra, a francezia só se julgava commodamente installada na vida elegante dos serões aristocraticos, no canhenho mundano d'alguns jornaes, nas declarações de amor dos «almofadinhas»



e nas estafantes estiradas dos criticos citadores de opiniões alheias...

Depois, com a guerra, a sua propagação eomeçou a augmentar, invadiudo todos os centros, dominando todas as classes, penetrando em quasi todos os lares, tornando-se, enfim, uso corrente nos perigosos mostradores das casas de modas.

Não ha um só artigo, uma só novidade, um appendice qualquer dos complicados trajes femininos, embora feito aqui, no Brasil, com trabalho nosso, eom mão de obra nossa, com materia prima tambem nossa, que tenha sua denominação correspondente em portuguez. Tudo, absolutamente tudo, é em francez, mas num certo francez maltratado, estropiado, inconscientemente ridicularisado. Se um sujeito quer conquistar um lugar qualquer de vida burocratica, embora mesmo o de simples continuo, a primeira cousa que elle faz para impressionar o «padrinho» ou o chefe da repartição pretendida, é assassinar phrases francezas, ultrajando a memoria de autores que nunca leu. Na educação de certas meninas melindrosas, o mesmo mal appareee de um modo ainda mais exaggerado. Mostrando suas prendas, ou expondo as bellezas dos seus dotes, ella já-mais dirá que sabe dirigir uma cosinha, fazer o seu chapéo ou coser o seu vestido. Mas aquillo que ella absolutamente não esconde é que lê francez, escreve francez e tambem «fala» francez...

E' tão grande a influencia do francezismo que, certa vez, no Rio, presenciemos um facto que, se não é interessante, não deixa todavia de ser



no caso, muito expressivo. Um cidadão de cõr preta, ao tomar um bonde na rua da Carioca, e querendo passar para a extremidade do banco onde se sentára uma senhorinha, dirigiu-se a esta, a sorrir, numa urbanidade captivante:

— Madesélle, fais favô...

Estamos assim a reproduzir o phenomeno biblico imposto por Deus como castigo áquelles que pela torre de Babél tiveram a illusão de escalar o céu...

Além disso, as correntes immigratorias trouxeram para o nosso paiz a mistura de nacionalidades diversas. Esse facto muito contribuiu para a barafunda em que andamos. E assim cada commerciante que surgia, ao annunciar a sua mercancia na taboleta, fazia-o lá a seu modo na estrangeira lingua despolida pela sua ignorancia, na certeza absoluta de não ser incommodado pela censura dos poderes publicos.

Paiz novo como o nosso, sem raizes aprofundadas no seu aggregamento social, diariamente investido por costumes e habitos estranhos, foi recebendo de tudo isso uma mescla intrincada, um verdadeiro charivari de casa de Orates.

A nossa instrucção tem, no caso, a maior culpa. A lei do sorteio militar nos deu sobre o assumpto surpresas verdadeiramente extraordinarias. No norte, os factos constatados não foram além do completo estado de analfabetismo das populações sertanejas abandonadas. Mas aqui, no sul, essas surpresas assumiram proporções fantasticas, sahindo mesmo fóra dos limites da realida-



de. Na vasta e rica região colonial, por exemplo, onde ainda predominam fundas raizes do laborioso elemento germanico, a lingua vernacula esteve completamente abandonada, chegando mesmo a crear uma situação que poderíamos chamar de perigosa, si não fossem os bons intuitos morigerados dos colonos. Conheecemos, felizmente, em tempo, todo esse mal, com a lei do sorteio. Chamados os conseriptos, surgiu, arisea, uma léva de mocidade sadia e forte, mas que não conhecia uma só palavra em portuguez! Foi uma decepção tremenda. Os nossos patrieios não eram brasileiros... Lá estavam elles assignalando no gesto mais breve o eriminoso abandono em que o paiz os deixára, perpetuando lingua, costumes, erenças e habitos da patria longinqua além-Rheno. No quartel então, um trabalho paciente, pertinaz e constante, começou a desbravar pouco a pouco o aspero caminho inculto; e com essa luta efficaz de todos os annos, o mal já se mostra sensivelmente atenuado e talvez mesmo com um pouco mais de esforço chegue a se extinguir por completo. Póde-se mesmo affirmar que a easerna, nesse sentido, operou verdadeiro milagre.

Resta-nos agora a extineção desse outro abuso: o de linguagens estrangeiras em cartazes e reamos publicos que por toda parte apparecem em attitudes offensivas á riqueza e á pureza da nossa lingua. Aliás, São Paulo ha muito tempo — ha mais de oito annos — pôz termo a esses destemperos que os elegantes exploram, os pernesticos aeatam e os ignorantes aproveitam. Por sua na-



tureza, esse mal constitue um grande perigo para a educação nacional, tornando-a difficilima, complexa, viciada.

Assim, com tal confusão, dia a dia perdemos aquillo que deviamos conquistar dia a dia: a affirmação consciente e definitiva da nacionalidade.





ESBOÇO DE BANDIDO

O sabor amargo de certa novidade recente, dá-me ainda esta pagina antiga.

Nesse desvio de tempo que lá vae, d'acção á causa, a figura sombria do já celebre bandido Adcodato se nos apresenta, agora, no esvurmar de novas documentações historicas, como uma victima inconsciente da ignorancia, dominada por promessas de bom viver de parte da politicagem regional, golpeando a fundo, na certeza do alvo, o pacifismo dos sertões. Em todos os commettimentos do scelerado um traço patente ficou, mostrando o poder dessas influencias subalternas que actuaram de um modo formal no seu animo, imprimindo-lhe esse cunho de frio criminoso, agindo sob a pressão quasi violenta de recompensas futuras.

Impossivel, então, seria contel-o. Vivo, reproduziria sempre o mesmo homem, mutilador terrivel de existencias, implacavel na vingança, predisposto, pelas mesmas causas, a todas as atrocidades do crime. Do tenebroso divulgar daquelle episodio barbaro, da liquidação immediata de qua-



trocentas vidas, na maioria indefesas, immoladas pela lamina carniceira da faca no scenario apparentemente calmo do sertão do sul, resalta o conjunto de causas que actuaram sobre o arisco delinquente dos reductos de Tamanduá. Favores e mercês foram ao encontro do despertar de instintos que poderiam permanecer insensíveis e desaparecer depois, si não fosse a rubra atmospheria que o envolveu nos seus primeiros impulsos. Nesse symptoma anormal tudo o seguiu: a ignorancia nata, a amplidão do meio, a sanha dos aticadores do crime, a certeza da impunidade, e mais, a promessa de possiveis dias de abastança no remate do episodio revolucionario. Claro que a ambição exerceu ahi papel salientissimo; foi, pelo menos, um excitante no desdobrar da personalidade, actuando constantemente no mundo externo e nas aspirações objectivas.

Adeodato reproduziu, na tranquillidade dos povoados abandonados ao ostracismo social, o mesmo motivo dos assalariados de Macbeth no assassinio de Banquo. Agiu resolutamente levado pela recompensa do preço futuro, na perspectiva de outros rumos. O ambiente foi em tudo propicio, e sempre assim será enquanto o obscurantismo e a violencia aterradora do scenario, como na Russia soffredora das *steppes*, auxiliar, nas personagens, a manifestação de todas as tendencias morbidas. Adeodato teve deante de si as consequencias terribes desse ambiente: de subito transformado em chefe de elan revolucionario, influenciado mais ainda por animosidades politicas em chóques, determi-



nado estava que o seu destino tinha que soffrer a supressão immediata de nobres estimulos, principalmente num paiz onde se desconhecem respeitos á Justiça e deveres ao Direito. Norteados, sobretudo, por um principio de fanatismo perverso, oriundo da ignorancia, entendeu que o gesto iconoclasta seria o meio mais prompto para reagir e se impôr... Os mais sabidos na cartilha da revolta anarchica, e que no momento precisavam á sombra do bandido acoitar a rebeldia e a desordem provocadas, surprehenderam nelle um modelo vivo. Encontraram-no e attrahiram-no. Só isso basta para definil-o, fibra a fibra, até os recessos mais nebulosos de sua alma em torcicolos. E como se encara, a não ser por esse prisma, a existencia de um homem que avançou no tempo, pacificamente, preso ao catre, no isolamento do rancho, sem um gesto que denunciassê o estado pathologico que devia mais tarde assignalar esse periodo homicida em pleno seio da invia floresta mysteriosa? Adeodato escondia naquelle desconjunto de ossos a perversidade adréde preparada pelo meio que o creára para repasto, mais tarde, de flagrantés ambições pessoas de terceiros a se manifestar em pretextos de alinhar fronteiras e determinar limites, dentro da propria Patria convulsionada... E arrancaram assim, quasi á força, do homem normal, o anomalo adormecido.

Um dia — a sua chronica nesse ponto é clarissima — arvoraram-no em chefe e deram-lhe uma escolta de homens decididos ao crime. A transformação foi rapida. Passou de indolente



madraço a dirigente precuto, o bastante para despertar na sua personalidade psychica sentimentos que poderiam ser fataes...

Quem observasse attentamente o succeder de episodios dessa ultima existencia agitada do caboclo, teria do quadro uma visão allucinada de pavor. Os resultados seriam impressionantes: meias tintas de tela indecisa, avivando-se de subito num colorido a sangue; no fundo, o perfil hesitante do bandido vibrando, sob o abrigo das imbuías, a faca impune...

Não póde ser mais expressivo no caso, o terror que Adeodato espalhou no sertão, na paz embrutecida dos ranchos, no aldeamento dos «fanaticos», matando mulheres e creanças, impondo-se pela chacina aos olhos dos comparsas á espreita. Os elementos todos entraram de chofre, em acção conjunta. Num dado momento agitaram-se no mundo externo os agentes secretos do seu mundo moral. O esboço do delinquente recebia, afinal, o ultimo retoque. Refinára-se no convívio do crime, ao abrigo de occultas protecções. Ao assistir á immolação das vidas que apanhava nas emboscadas e «esperas» e quando ensinava aos magarefes submissos a multiplicação da agonia, retrahia-se na mais piedosa composição romantica... Não ha mesmo no theatro de Shakespeare, no nihilismo moscovita, nem na tenebrosa galeria de criminosos allucinados, loucos e epilepticos, da obra genial de Dostoiewsky, uma figura que tão a fundo revele as origens de sua anormalidade. Os seus actos estão perfeitamente



caracterisados como episodios inherentes a certos e determinados pontos do territorio, ao contacto de uma natureza ~~de~~ ordinario em consorcio com todos os passos do seu habitante, commumente traçando-lhe o destino sinuoso. Num meio onde tudo faltou, a começar pela instrucção, que jámais existiu, e onde predominam principios de aborigenes canibalescos infiltrados em descendencias representativas da selvageria passada, mas não morta, o homem segue forçosamente o caminlio mais curto, esse que já está traçado á margem de certos pendores atavicos.

Os elementos de que se cercava e com os quaes precisava agir, affeçoaram-no ao banditismo. Que mais do que isso era mister esperar de uma revolta cujo unico objectivo era matar, pela traição ou pela cilada, mas sempre matar?...

O exemplo já vinha de traz. Os cangaceiros do norte e os bandoleiros do sul, em violentos gestos successivos assignalaram pelo banditismo o estado ainda bravio do territorio.

A phrase é pobre. Outra menos má se não me antollia para dizer sobre um *habitat* em que todas as tendencias morbidas se enraizam e subito explodem, povoando de terror o silencio pesado das *picadas*.

O Rio Grande, em épocas de eclosões revolucionarias, nos revelou perfis identicos com os mesmos factores em acção. Despotas e caudilhos, amparados na impunidade e na ignorancia, encontraram no vibrar da faca a reacção sanguinaria



á fuga de ideaes que não fossem aquelles defendidos na impetuosidade das refregas.

Para que reticencias de-hypotheses nessa theoria já velha, mas logica da influencia do meio? Não será a ultima essa resenha de crimes do bandoleiro do Contestado. A Patria é vasta e, seu scenario, tentador...

Resta-nos saber se seria possivel a *cura* de delinquentes desse feitio, ao contaeto de benefiecos estimulos, fazendo-lhe eomprender as bellezas do mundo moral em faee do passado monstruoso? Tarde, talvez... Retrocedesse o bandido ao mesmo ambiente agitado onde se improvisassem os mesmos agentes physieos e moraes, a armadura da monstruosidade seria envergada de novo...

Desses faetos o Brasil está cheio. O sertão é uma eterna tragedia. Como o velho mar indefinido, elle tem aspectos de mysterio e de traição, ealmarias momentaneas de monstro...

Os impavidos proveadores do fanatismo e da desordem eneontram, de improviso, no seu seio, o mais seguro dos abrigos.

Emquanto a ignoraneia imperar na brutalidade das selvas e no desabrigo das coxilhas ermas, os emulos do bandido de Tamanduá, surgirão a cada momento, com o mesmo gesto terrivel, num assomo instinetivo de ferocidade, justificando com a trueuleneia da faca o abandono em que o paiz os tem deixado.



RONDON

O Rio recebe, entre festas, neste momento, o general Rondon — o intrepido e bravo devasador do sertão brasileiro.

Certamente nenhuma homenagem mais justa foi feita a patricio mais digno. E' que as comemorações publicas são sempre ou quasi sempre, de ordem politica, obedecendo a subalternos interesses partidarios, que nada exprimem, que nada significam nos destinos da nacionalidade.

Entretanto, se ha homem cujo valor moral tanto mereça ser exaltado pela maneira com que tem engrandecido e levado o Brasil, é, sem duvida, o desse illustre sertanista patricio. A sua obra não póde ser apreciada numa simples chronica de jornal. Ella é mais complexa do que muita gente pensa. E' uma obra patriotica, alliada a uma missão de apostolo, de grande benemerencia, de extraordinaria grandeza social, avultando ainda mais por se tratar de uma época em que a falta de energia se alastra, se impõe e domina, ao lado de uma permanente inutilidade burocratica. A missão Rondon tem sobre si, a meu vêr,



o pezo de uma formidavel responsabilidade historica. Abriu para nós um capitulo de sociogenia; deu-nos, com a beleza do seu gesto, um elevado exemplo de altruismo a que ninguem, jámais, aqui e allures, se sobrepoz, tal o rasto de luz deixado atraz de si. Os traços que lá ficaram indeleveis, em longinquas paragens nativas, sepultadas no abandono de quatro seculos, definem para sempre o homem: dão a medida, inconfundivel, da sua força, do seu valor, da sua capacidade.

Rondon teve a visão nitida da nossa selva. Viu esse quadro apavorante onde se esboça, na crueza selvagem das tintas, um mundo de patricios extraviados, banidos da fraternidade humana, afastados da luta por multiplos revezes de ordem ethnica. Compreendeu perfeitamente o humanismo de quem os arrancasse da tréva, visando nesse acto tão sómente a nobreza do fim a attingir para que não fosse taxado como um simples idealista, expendendo theorias a custa dos cofres do thesouro... Elle não tentou o caso com subterfugios theoricos; quiz vêr o problema de perto; quiz enfrental-o sem delonga. Preparou-se. Partiu depois para o sertão. Atrás de si, a «bandeira» ousada do conquistador, os companheiros da temeraria jornada pelo deserto sem fim. Os seus primeiros passos na selva foram como que um pacto sagrado de vida ou de morte com a propria natureza que o cercava. O sol fugia aos poucos coado pela floresta, e, o luar, esse lyrico «luar do sertão», tão bello na sua infiltração amorosa, já não ia até lá... A noite era cerrada e



eterna. Apenas, junto de si, a folhagem que gemia, o índio traíçoeiro que se acoitava na taba, e, de quando em quando, ao longe, o rugido das feras na caverna.

Assim iniciou Rondon a sua missão gloriosa, de tão vasta beleza heroica, por onde escorre um sôpro suave de poesia cavalheiresca. Ao principio, os sobresaltos, as lutas; os violentos atritos com o meio envolto numa successão tumultuaria de incognitas. A maioria dos companheiros caía vencida, dizimada pela flexa do selvícola, pelo impaludismo, pela tortura incandescente das febres trazidas pelos miasmas dos charcos. O bandeirante ousado não desesperou. Proseguiu jornada. Avançou pela invia floresta a dentro, rumo ao Sem Rumo, devassando a matta, desbravando caminhos, abrindo estradas. A' retaguarda, já installadas, as primeiras linhas do Telegrapho! De passagem, travava relações com um rio anonymo, com uma ignorada cadeia de montanha, com uma tribu bravia de índios desconhecidos. Com estes, então, iniciava a grande obra civilisadora, uma evangelisação digna de Anchieta, onde elle punha a melhor parte do affecto de seu coração. Oh! a beleza da scena do primeiro encontro!... Procurava fazer convivencia, distribuia presentes, conduzia-os com geito ás familiaridades da nossa linguagem, inculcia-lhes noções da patria e da familia, transmittia-lhes os primeiros rudimentos sociaes, levando-os, assim, pouco a pouco, a caminho da civilisação. Quando depois Rondon partia, deixava ali já não mais



um ajuntamento de homens, mulheres e crianças, vivendo errantes, em completa nudez, mas uma pequena communhão social, amando a Patria através do seu symbolo, respeitando a ordem através das suas leis.

Léguas a dentro partia depois a invencível «bandeira», abrindo caminho sempre, traçando planos de estradas, ora modificando o curso de um rio, ora alterando um phenomeno de sêcca por meios hydrographicos accessiveis; aqui plantando uma roça, ali assentando uma ponte, mais além catalogando plantas da nossa flóra ainda desconhecidas nos archivos da nossa botanica. Depois de tantos esforços, — a peremptoria necessidade do saneamento geral. Lá vinha então a prophylaxia providente, distribuida a uma multidão de opilados, reservas magnificas da raça atiradas ao ostracismo das selvas, victimas da «ankilostomiase» e da «verminose» que devastam as nossas populações sertanejas completamente abandonadas e preparam o tragico futuro de uma legião de indolentes, cretinos e tarados. Parte, depois, a caravana, sempre a seguir, para a frente, transpondo barreiras, vencendo obstaculos, triumphando de imprevistos ainda mais graves. Annos e annos assim, deram a Rondon a gloria de vencedor. Porque elle nunca esmoreceu. Escaldou-lhe o cerebro privilegiado, além da curiosidade, além do desejo de devassar o mysterio — a ventura gloriosa de ser util.

Voltou tempos depois ao Rio. Mostrou os primeiros fructos do seu trabalho tenaz. Pouco



descançou. Preparou outra expedição. Retornou á virgindade bravia do deserto. Iniciou, novamente, a luta formidavel. As mais longinquas paragens do sertão brasileiro ligaram-se immediatamente á metropole por linhas telegraphicas funcionando regularmente, pondo dest'arte as populações mais afastadas em directo contacto com todas as actividades do mundo. O Brasil torna-se assim conhecido pelo proprio Brasil... Esta foi sem duvida a sua grande obra, obra de historiador e de descobridor ao mesmo tempo, traçada sob a mais inquebrantavel energia moral.

Mas o que me commove em toda a acção benemerita de Rondon é a sua parte mais humana, esse gesto impecavel de solidariedade incorporando á Patria milhares e milhares de filhos ignorados, trazendo-os ao convivio social, dando-lhes á consciencia o rythmo que lhe faltava, reintegrando, enfim, o homem em seus dominios, já sob a luz clara e suave do direito e da razão.

Esse gesto, entre todos, tem a significativa expressão de uma belleza intangivel.

E' um acto de apostolo.

E como apostolo Rondon viverá eternamente no coração daquelles que elle arrancou da brutalidade da selva.

Rio — 919.



PRAIAS

A SOCRATES DINIZ

Quebrando a tranquilidade traiçoeira das águas, ora na tepidez suavíssima das tardes, ora nos estremunhos brandos das manhãs, multiplicam-se, agora, pelas franjas tremulas dos balneários elegantes, as aparições luminosas de Venus.

Modifica-se então a tradicional existencia gauchesca do Rio Grande. O quadro já é outro. O que se vê é um aspecto novo, todo europeu. Fogem para as praias as nossas populações abastadas ávidas de conforto e de prazer; a alta aristocracia das cidades circumvisinhas, obediente não só aos rigores complicados da moda como aos preceitos hygienicos de um estio inclemente, se distribúe aos bandos, pela maravilha das enseadas, pela quietude fugitiva dos remansos onde as ondas costumam morrer com a carícia de um longo abraço voluptuoso nas bordaduras dos imensos areaes das costas desertas.

Distribuem-se por toda a parte, agora, esses rumores de vida beira-mar, suavemente agitada. Neste momento, as estações de banho são a pre-



ocupação constante da fidalguia austera, e a nota alegre dos que arrastam até lá o mundanismo complicado dos salões.

Os recantos calmos, os tranquillos escondenrijos onde a natureza dorme na paz do seu silencio operoso, como que se refazem de novas energias, de novas forças mysteriosas e occultas, para enfrentar o sybaritismo dos despreoccupados da luta intensa da vida, daquelles que costumam fazer passear, por estes mezes de verão, o tédio dos aborrecidos... Mas, felizmente, para attenuar o enfado dessas manchas marinhas, a figura das nymphas immortaes surgem illuminadas na graça, quebrando a monotonia do quadro.

Bella, por certo, a visão das praias por esse lado amavel...

Os nossos sitios mais dilectos, os retiros mais apropriados á ociosidade divertida dos veranistas, desde o conforto attraente do Casino até os trechos magestosos da villa de Torres, sorrindo, satisfeita, no seu abandono secular, são tomados de momento, nesta hora de soalheiras bravias, por agitações convulsas que se traduzem em musicas de beijos, em marchas nupciaes de Nereidas brincando á flôr liquida das aguas.

O quadro é bello; a visão é tentadora. Propositalmente desviado das linhas espadaúdas o fortes dos Tritões, o olhar fôge para mais longe, de devassa em devassa, lá onde as formas ideaes de timidas Sereias vaporosas apparecem enfeitadas pela alva rendilha das espumas. Então, toda a extensão da costa é um mostruario febril de



corpos semi-nús, acariciados pela volupia mor-
dente das ondas.

Os paizagistas e sonhadores, embebidos, em
seisma, no quadro, advinham, na maravilha des-
ses aspectos bizarros, aquella graça perturbado-
ramente pagã que sabia impôr, victoriosa, á im-
prudencia dos prophanos a attitude perplexa do
extasis.

Sobradas razões alimentam esses espiritos
que scintillam entre a illusão e o sonho creando
a suprema realidade... Cada Nympha que se
precipita no fundo oceanico, que mergulha no
seu seio ou que bordeja, boiando, na suavidade
de seus redemoinhos, tem certamente o suggesti-
vo encanto das visões marinhas daquelle incom-
paravel quadro do artista veneziano. E' a trans-
figuração da mulher na criação pagã da belleza.

E assim, sempre assim, todos os dias, pela
manhã ou á tarde, neste escaldo verão que se
prolonga, as fórmas divinas da Venus rediviva,
nitidamente se exteriorisam na graça immortal
de Aphrodite surgindo, radiosa e branca, da alva
espuma agitada das aguas...





POETA EXCOMMUNGADO

Ha tempos informaram os jornaes num intenso ruido alviçareiro de novidade escandalosa, que o reverendissimo Bispo de Campinas havia excommungado o poeta paulista Saturnino Barbosa, prohibindo aos pacificos fieis de sua diocese a leitura do poema do vate referido, «Morte de Deus».

Desconhecemos as razões que levaram o douto e offendido prelado a tomar tão reaccionaria attitude ; do poema ignoravamos o fundo, as suas bellezas ou os seus defeitos ; ignoravamos mesmo a existencia do artista. O gesto, porém, do eminentissimo Bispo de Campinas arrastou-nos á curiosidade. Não nos contivemos — mandamos, sem demora, adquirir a obra maldita. Assim como nós, tantos e tantos outros. A curiosidade é humana. Segundo o «Genesis» ella vem dos primeiros dias tranquillos do Eden, em que Eva, palpitante de mocidade, lá se foi buliçosa tocar no fructo prohibido da arvore do Bem e do Mal... O resultado foi, como se sabe, tremendo. De lá para cá, o desejo de se conhecer o desconhecido augmentou ainda mais, tornando-se uma tendencia



natural e instinctiva no homem, e, mais ainda na mulher, segundo as mais abalisadas opiniões dos sondadores de almas, os psychologos.

Por taes razões julgamos inhabil o gesto do supradito sacerdote catholico. Com essa prohibição s. ex.^a rev.^{ma} deu ao poeta da «Morte de Deus», uma excepcional qualidade de destaque, provocando para o execrado um formidavel successo de livraria.

Temos em memoria neste momento, algumas das excommunhões papaes desde Pio IX a Leão XIII, prohibindo a leitura de determinados livros e amaldiçoando escriptores notaveis que engrandeceram de facto as artes e as sciencias. A lista é enorme, a começar por Ernesto Renan, o grande sabio, o grande philosopho, sobretudo o grande poeta, que sob o rigor de uma analyse conscienciosa assombrou o mundo com a publicação da primeira série de seus livros sobre as Origens do Christianismo em que se destacam «A Vida de Jesus», «Os Apostolos», «São Paulo» e «Os Evangelhos», livros que restabeleceram alguns pontos nebulosos da igreja catholica, nos seus primordios, e deram ao mundo, ávido da verdade, as bases de um admiravel criterio scientifico archeologico.

Com a reconstrucção da escola naturalista iniciada em França por Balzac, Gustavo Flaubert, o artista impecavel da «Tentação de Santo Antônio», de «Madame Bovary» e «Salammbô» foi condemnado ao «Index» não impedindo, todavia, o



seu triumpho, antes pelo contrario, tornando sua gloria mais bella e mais forte.

Zola, o grande mestre do «realismo», teve um dia a concepção de uma obra de genio — «Lourdes», «Roma» e «Paris», — sob o ponto de vista religioso, pondo em vivo destaque o pernicioso mysticismo da época, os desvarios do beatismo inconsciente e dissolvente de uma sociedade apavorada pelo poder espiritual e temporal. A Zola foi imposto o mesmo destino : morreu sob o peso de uma excommunhão perpetua, emquanto a sua immensa e notavel bagagem litteraria desde as profundas investigações sobre a historia natural e social de uma familia do Segundo Imperio — os «Rougon Macquart» -- até o ultimo dos seus contos elevam ainda mais alto o nome do grande rehabilitador de Dreyfus.

Um dia, na Italia, um senador do reino, um espirito clarividente que se chamava Antonio Fogazzaro, atirou a publico uma brochura singela, «O Santo», no qual elle condemnava por meio de uma critica assás delicada, certos e determinados pontos incongruentes do catholicismo no estudo daquella consoladora figura de Benedicto. O clero julgou-o um herege, um intruso nas cousas sagradas da religião e -- sem mais delongas -- uma solemne maldição sobre o autor e a sua obra ! De então para cá, as edições d'«O Santo» se exgottam rapidamente...

Com o poema tragico «Martirio di San Sebastiano», Gabriel d'Annunzio, o primeiro poeta da raça latina, tambem foi mergulhado numa mal-



dição profunda. Era preciso isso para maior victoria do artista do «Il Fuoco» e «Il Piacere», o creador arrebatado da pavorosa Mila di Códra, na «Figlia di Jorio», e da suave Baziliola, de «La Nave».

Saíndo do fogo da maldição ahi está o artista supremo cantando as glorias da sua patria, batendo-se, com ardor, ao lado della, coroado pelo triumpho e pela gloria.

Por essas e tantas outras razões se conclúe que s. ex.^a rev.^{ma} o Bispo de Campinas, com a prohibição da leitura do livro do poeta Saturnino Barbosa, veio restabelecer a personalidade do artista, dando-lhe quiçá, nome, valor e gloria...



MOTIVOS DE ARTE

A Companhia Eduardo Pereira que actualmente faz temporada no Coliseu de Porto Alegre, está revivendo, em boas noites rendosas, a velha arte dramatica do mais lyrico dos seus periodos — exactamente aquelle que sabia impressionar até ás lagrimas a sensibilidade das nossas damas avoengas, e que possuia o magico condão de deter a severidade dos criticos theatraes com lacrimajantes distillações de alambique...

Como fazem saudade a muita gente ainda esses velhos tempos de sentimental carpideira romantica!... Em verdade, ao contrario da de hoje, as gerações passadas sabiam chorar como ninguém, possuíam mesmo a arte de se commover muitas vezes até ás inconveniencias do soluço... Tempos passados, bellos tempos que se foram, tempos que segundo a affirmação categorica do poeta «já não voltam mais»...

Ao contrario da desabrida gargalhada bregeira provocada pela opereta maliciosa de hoje, ou pela «revista» de scenas picantes e núas, o que havia naquelle tempo que os velhos agora



estão pontualmente revivendo, (e com que prazer!) o que havia então era uma especie de chora-deira cõral com que as platéas repletas e delirantes triumphavam as representações da noitada. Os lenços não tinham socego: dos olhos para o nariz e deste para o fundo das bolsas ou algibeiras humedecidas, andavam sempre assim na mesma missão piedosa, recolhendo o pranto sentido que o pathetico violento das scenas a cada passo provocava.

E' verdade que a gente ria-se á farta, de dia, no trabalho, mas isso era unicamente para se ter á noite, no theatro, a suave e indispensavel compensação do choro... Lindas moçoilas de então, transformadas hoje em austeras matronas rugosas que ahi vivem, no fundo das salas em penumbra, a benzer-se das estroinices dos netos, preparavam calmamente, de dia, com todo um vagar deliciosamente gozado, o seu rico farnél de lenços tecidos da mais pura e da mais alva cambraia... Naquellas priscas eras memoraveis elles, os lenços, não tinham outra função senão a de aparar a torrente das lagrimas nas scenas do «Anjo da meia noite», «Filha do Mar», «Duas Orphãs» e tantas e tantas outras peças do genero que ainda vivem emocionalmente na piedosa reminiscencia dos velhos — velhos que estão a rir certamente dos eruditos exaltadores do theatro ibseniano e d'annunziano, que não iguala em imprevisto aos lances terriveis do theatro do «nosso tempo», no evocativo dizer dos mesmos contemporaneos de «João, o Corta Mar»...



Como tudo está mudado agora! Até os proprios lenços perderam aquella expressiva qualidade romantica, e ali andam como agentes preventivos de certas substancias duvidosas que os narizes resfriados expellem.

Voltando, porém, ao fio desta chronica, conversemos de novo sobre a carpintaria theatral que tanto impressionava e ainda impressiona os nossos austéros ascendentes. Forçoso será reconhecer que ella deu á ribalta, obras de incontestavel valor, de esplendida belleza, não só pela significação do seu entrecho como ainda pela harmonia das phrases com que eram tecidos os seus dialogos. A «Morgadinha de Val Flôr», por exemplo, é considerada como uma das mais formosas peças do romantismo portuguez, alcançando centenaes de representações em que Tasso e Emilia Adelaide, nos dois principaes papeis, tiveram verdadeiras noitadas de gloria como o proprio Pinheiro Chagas confessa no prologo da terceira edição do drama. A sua representação constituiu um verdadeiro furôr chegando mesmo a arrebatrar as platéas de Portugal e Brasil, principalmente no acto III, scena VIII, quando Leonor, a Morgadinha, vendo Luiz Fernandes ajoelhado exclama, num fingido desdém:

«Um discipulo de Voltaire ajoelhado aos pés da cruz!»

E Luiz erguendo-se, responde:

«A cruz é o amparo dos que padecem».



Bastava isso. Não precisava mais nada. Os applausos estrugiam vibrantes, do publico, com visiveis signaes de extase. Depois, nas scenas finaes do primeiro e ultimo acto, era um deslizar sem fim de lagrimas correntes!

Bellos tempos aquelles! Por um feliz acaso os coevos de Diogo Barradas estão a rememorar agora os deliciosos entrecchos dessa obra prima do romantismo luzo. «Morgadinha» viverá ainda de successo em successo, em todos os theatros. Para aquelles que conhecem o pleno esplendor do seu triumpho, será este, depois de tantos annos, um dos mais bellos momentos da vida. Depois, é o poeta quem fala pela bocca sentimental de um cardeal:

« Recordar o passado é viver outra vez ... »



SYMBOLOS

O poema «Fausto e Asvérus», de Octavio Augusto, é uma afirmação definitiva do Ideal em Arte.

Em demorado correr d'olhos, por toda a vasta florescencia de livros novos ultimamente publicados aqui e alhures, dentro do paiz, nenhum me deu tão forte impressão esthetica como esse que provocou da critica honesta, da verdadeira critica, uma acclamação triumphal.

Certo, outro que tratasse do thema teria que se haver com barreiras quasi intransponiveis. Octavio Augusto, não. Talento de raça, possuidor de uma vasta cultura philosophica, senhor dos mais elevados pendores sensitivos, desviou de logo os obstaculos do caminho. Foi tal o seu poder de intuição, taes as conclusões a que chegou o rigorismo de sua analyse, que desapareceram por completo as escabrosidades da these.

O seu largo descortino de espirito avivou ainda mais os dois grandes symbolos humanos. Deu-lhes o poeta uma interpretação exacta. O poder do artista fez com que resurgissem, esba-



tidas até nós, através do tempo essas duas figuras de lenda, uma com a ephemera atracção de sua mocidade, caminhando para os extases do amor; a outra, em eterna marcha para o Ignoto, espalhando por toda a terra, com a sua dolorosa velhice, os mysticos sonhos de uma raça extenuada.

Separadas na vida as duas lendas, correndo mundo ambas, com origens diversas, com diferentes fins, encontram-se afinal em livro, nesse bello poema commovedor, frente a frente, presas por um mesmo élo, seguindo um mesmo rumo. Não estão alteradas em essencia; surgem apenas como duas forças em choque, levadas, arrastadas pela fatalidade do Destino, exprimindo essa eterna luta do homem contra os mysterios subjectivos. Encarando Fausto e Asvérus no scenario da natureza que o tempo lhes traçou, Octavio Augusto fel-os seguir na mesma rota, dando-lhes, porém, a significação que lhes faltava como expressões symbolicas da alma humana, representando «duas faces oppostas de um mesmo problema: o dualismo de Christo e Apollo, o da morte e da vida, o dos sentidos e da consciencia, o do Mundo e do Homem».

Já não é o poeta que assim fala, inquirindo as remotas origens da lenda; é o philosopho que medita, o pensador que investiga, o analysta que conclue.

Postas dest'arte em confronto as duas forças, uma sobrepuja a outra; é a victoria de Fausto e a derrota de Asvérus, como o proprio artista



conféssa. E como não ser assim? Do encontro das duas sombras lendarias, uma tinha que prevalecer sobre a outra como expressão senão mais perfeita, pelo menos mais de accordo com as tendencias da humanidade. O symbolo de Helena no poema homerico será perpetuado por seculos sem fim. A vida é o amor. O mais é o deserto, o vazio inanimado dos mundos que se não formaram.

Admirando juntas as duas grandes figuras, o burguez pacifico, agindo com calculada prudencia, ao recommear a leitura do seu romance, depois de passadas as difficuldades digestivas de seu manjar, havia de querer, certamente, a victoria daquella dolorosa velhice errante, como recompensa dos trabalhos, dos sacrificios, das lutas, das ancias, dos soffrimentos... Mas, além, no pallido balcão florido, ao luar, a loura figura romantica de Margarida canta a velha canção do rei de Thule... E' a vida. E' a mocidade. E' o amor. Fausto, enlevado pela suprema melodia daquella vóz, aceita, por vinte e quatro annos, o pacto infernal, e corre para os braços marmoreos da amante promettida. Asvérus que julgava ter arrancado do abysmo uma alma, apanha o seu bordão e segue de novo a jornada millenaria, esmagado ainda pelo pezo da maldição divina; enquanto isso, Fausto, entregue ás languidas caricias de Margarida se convence que, fóra do amôr, tudo é indeciso e tropego, tudo é ermo e tragico como a sombra inviolavel de um tumulto fechado...

Esses são os dois symbolos da humanidade nas suas duas phases primaciaes, que Octavio



Augusto soube interpretar, a largos moldes helle-
nicos, em versos bizzarros de uma apollinea tor-
tura pagã. O dialogo final entre Fausto e Asvé-
rus é de uma belleza impecavel. Na linda canção
que Margarida murmura, debruçada á janella do
seu jardim, ha uma suavidade musical delicada,
surpreendente, ao lado da natural astucia da mu-
lher. Pois é exactamente no momento em que o
amante vacilla, preso á amarga philosophia con-
vincente de Asvérus, que ella lembra a historia
daquelle antigo rei que foi sempre tão constante
ao seu amôr...

Um rei de Thule, que viveu outr'ora,
Cuja lembrança a lenda guarda e adora,
Foi tão constante ao seu amor,
Que a doce amante, que elle tanto amara,
Uma taça lhe deu, doirada e clara,
De alto e finissimo lavor.

A morte arrebatou-a dos seus braços,
Mas para conservar tão puros laços
Uma reliquia lhe ficou...
Recordação do amor da sua amada
Foi sempre a taça fiel, clara e doirada,
Que nunca mais o abandonou!

Taça de amor!... Reliquia tão querida!...
Sempre ao vê-la, uma lagrima dorida
Humedecia o seu olhar,
Beijou-a tanta vez! A' bocca ardente
Levou-a quanta vez saudosamente
A lembrar... A lembrar...

A tudo resistiu amor tão forte!
Quando bem perto presentiu a morte
Tudo o que tinha o rei deixou.



Deu tudo em vida; parques e castélos,
O trono e o sêtro, esplendidos e béisos...
Sómente a taça conservou.

Depois mandou chamar o paço inteiro,
Duque, barão, fidalgo, cavaleiro,
Para o seu ultimo jantar,
Do castelo na sala mais antiga,
Na sala onde morrera a doce amiga,
Sala que dava sobre o mar.

Findo o jantar... Um fremito perpassa...
Ergue-se o rei... Empunha a loura taça
Para a vez ultima beber...
A taça beija, a taça amada e boa!
A's vagas, em seguida, arremessou-a
E viu-a desaparecer...

E o mar despedaçou a taça de ouro,
E o mar desfez seu unico tesouro
Como o tufão dispersa o pó!
E o rei a taça olhou desfeita e rôta...
E o rei não mais bebeu nem uma gôta,
Nem uma só! Nem uma só!

* * *

Preocupado com profundas investigações sociais, Octavio Augusto, no doce recolhimento de sua vida espiritual, trabalha, agora, em duas obras admiraveis que virão a publico em bréves dias prefixados: «Poemas humanos» e «Torrente encadeada», de cuja leitura me deu a honra o poeta de fazer-me ouvinte, numa destas lindas manhãs cheias de sol e de belleza de céu azul.

Nota-se nesses trabalhos de perfeito valor o:



mesmo artista e philosopho sonhando a grande verdade libertadora. A sua figura dá-me a impressão superior de um attico estheta, insulado no mundo, vivendo apenas para o seu alcandorado Ideal.

Quando neste immenso paiz o principio da justiça fôr um facto social, excluido e emancipado das torpes accommodações do convencionalismo, o creador de «Fausto e Asvérus» será então saudado como uma das expressões mais significativas dos modernos moldes artisticos da litteratura brasileira.



A MORAL NO THEATRO

Nestes ultimos tempos de fracas energias vacillantes, a imprensa do Rio tem nos advertido de um facto que deixa de ser sensacional para se tornar exclusivamente uma fiel reproducção da nossa época — época de necessidades e misérias — que entrará definitivamente na historia, tarjando de negro o maximo que se apurou de uma civilisação.

Segundo o que se observa nos jornaes, quasi todos os centros de diversões da metropole brasileira vêm annunciando, em cartazes diarios, a representação de peças theatraes, exclusivamente de «genero livre»...

Bem avisadas andam as empresas, não illudindo o publico. Mas, essa propria advertencia é o maior reclamo em favor daquellas representações. E' bastante prevenir de que genero de espectaculos se trata, para que a concorrência seja compensadora de todos os fracassos de bilheteria. Certa vez, a Empresa do «Theatro Recreio» annunciou, em cartaz publico, a peça em tres actos «Moratoria Conjugal» de J. Brito, fazendo acompanhar da seguinte nota que bem revêla o intelligente cunho mercantil do empresario:



«Previne-se ás exmas. familias desta capital que esta companhia só representa peças de genero livre.»

O resultado material do aviso foi, como era de prever, o mais lisongeiro possivel. Outros theatros o imitaram, no que fizeram muito bem.

O successo não se fez esperar, e agora innumeras são as empresas de igual bitola que procuram levar sómente revistas forjadas sobre os mais escabrosos assumptos, numa superioridade de cotejo a todas as «Primaveras Scapigliatas»...

Oscar Guanabario, em critica estampada na occasião, no «Paiz», lançou o seu justificado protesto: «No entanto, é preciso reconhecer na «Moratoria Conjugal» um symptoma que não deve escapar ao critico philosophico, e vem a ser que, em épocas de miserias como a que atravessamos, tudo se prostitue, e era fatal a prostituição do theatro. A historia nos cita exemplos identicos em varios paizes, e a lei historica não provém dos factos, mas sim das consequencias».

Dá-nos isso a convicção esmagadora de que o theatro nacional está em plena decadencia. Entra, pouco a pouco no pernicioso dominio da pornographia. Pouco se nos dá essa fallada «educação de familia» de que nos arrogamos um direito quasi tradicional em possuir. Entretanto della fallamos, quasi sempre, com certo alarde de desapono. Somos homens. Homens finamente educados, sem os rebuços de uma falsa posição na escola zoologica. Observamos e aprendemos. Tudo nos interessa. O Theatro continúa sendo para



nós a grande escola da vida. E nesse ledó engano, surgimos, á tona, com tantas moraes quantos os meios em que vivemos. Convem notar, todavia, o alastramento pernicioso dessas deducções. Certas moçoilas, sob uma educação que dizem de esmero, mas contrafeitas no absolutismo de uma moral toda de hypotheses, ahí vivem, mirradas e chloroticas, padecendo aspirações pelo Desconhecido, por esse Desconhecido mysterioso que devia ser sempre uma nuvem de ouro bordando o idealismo dos sonhos... Já não se contentam na leitura de libretos de certas e determinadas peças... Querem «vêr e ouvir», estar em directo contacto com todo o desenrolar das scenas. Pouco lhes importam as consequencias. A compostura esthetica do temperamento não se quebra numa noite...

Concluimos dahi que só é bem succedida e melhor amparada pelo gosto do publico a obra que annuncia e provoca o escandalo. De maneira que a obra de arte, feita em surtos de profunda emoção, presa por esse inconfundível sentimento que assignala a força creadora do artista, arremessa-se para o olvido, para a ruina final.

A criação de um theatro nosso de facto e de direito, porque para isso possuímos elementos de primeira ordem, é hoje, nesta época cruel de servilismo até na propria arte, uma esperanza que não se realisa, uma illusão que se desfaz.

As melhores peças de Coelho Netto, Arthur Azevedo, Medeiros e Albuquerque, Oscar Lopes, Paulo Barreto e tantos outros escriptores de merito real, jazem profundamente esquecidas do pu



blico, desse publico «snob», desse publico theatralmente opposto á emoção que possa despertar um pedaço real da vida transportado á scena com toda a delicadeza subtil de uma arte que foi o esplendor e a grandeza do genio grego.

Companhias de primeira ordem que tentarem erguer a um alto nivel intellectual a platéa brasileira, levando á luz da ribalta trabalhos de reconhecido valor, traçados com essa honestidade inherente a todas as obras de arte, são obrigadas a abandonar de prompto essas tentativas, sob pena de seus artistas morrerem á mingua.

E por amor á arte certamente ninguem irá ao altruismo desses sacrificios...

O proprio «cinema», com excepção das em-
presas americanas, se desviou por completo do
elevado fim de nos recrear para se tornar exclu-
sivamente um perigoso incitante ás tendencias
mais ou menos morbidas do nosso temperamento.
Entre as tantas cousas bellas que nelle ha para
regalo e delicia do mundo infantil, tambem exis-
tem quadros de um descabellamento selvagem, de
sensações aphrodisiacas perturbando, desse modo,
a imaginação dos que se iniciam nessas intermi-
naveis rampas da vida. As scenas de roubo, sui-
cídios, assassinatos e raptos são communs a todas
as «fitas». A creança vae aos poucos apanhando
aquillo como cousa vulgar, naturalissima, e tem
desejos, por vezes, de imitar. E note-se que as
representações cinematographicas são feitas em
determinados momentos, sem o olhar curioso da
platéa. Os artistas que nella se exhibem não se



possuem desse natural constrangimento de quem se dirige para o publico. Falta-lhes esse pudor necessario, embora medido, de certas occasiões. Trabalham entre si, na maior indifferença. No theatro, não. O caso muda completamente de ambiente. O «meio» é outro, ainda que esse «meio» seja adrede preparado, com preventivas medidas afim de attenuar o effeito e evitar a censura. Mas o publico é o unico culpado dessa transformação desmoralisadora da arte. Necessidades desopilantes desse mesmo publico, cansado de ser triste torturado por cilícios de eremita? Não. Clara e manifesta tendencia para um refinamento erotico... E' que o nosso theatro acompanha a moral de nossa época. Autores e actores compreenderam o publico muito antes que o publico os compreendesse. A moral do artista soffreu as influencias do meio, submetteu-se ás necessidades do momento e nivelou-se á moral do auditorio. O commediante, hoje, não se limita a que o «sal» e a «pimenta» de cada peça que resvala entre as reticencias das scenas jogadas, sejam dozados á vontade dos espectadores maliciosos, no que de malicia houver nessa palavra. Elle proprio doza-os como melhor convem ao successo. As platéas são avidas da novidade e do escandalo. O autor só tira bom resultado material quando o assumpto explorado toca ás raias da obscenidade. A sua honestidade passa despercebida e indifferente quando a sinceridade da these, a elegancia da linguagem, o estudo acurado da psychologia humana, não surjem com esse cunho pesado do



«genero livre». O que se observa na platéa carioca dá margem a um commentario incisivo. E' o theatro que symptomaticamente se prostitue. Não é que a graça de um trocadilho possa ofender a pudicicia que não possuímos, que não se coaduna com o ambiente e o meio em que vivemos. Mas a transformação agora é completa. A nudez das scenas, a dureza dos vocabulos, a perversão dos assumptos mataram a graça leve e subtil, a ironia e o «humour» que fazem o brilho de certos trabalhos theatraes que dão dupla interpretação ao sentido, mas sempre revestidos com esse «manto diaphano da phantasia».

Si ao menos tivéssemos aquella suave maneira de dizer que é a expressão de toda a graça do espirito gaulez, ainda vá; mas, infelizmente nem isso. Os vocabulos e as phrases que escolhemos são minhotas, pezadas, brutaes, sem beleza. E' isso que cáe no gosto do publico; é isso o que de facto nos agrada.

E assim, de um momento para outro desaparece a obra de arte do nosso theatro, para dar entrada triumphal a uma infinidade de peças, todas ellas com esse cunho de «livre» para melhor chamar a curiosidade do publico. O nosso gosto se modificou ao sabor dos autores e actores, depois que elles se modificaram ao nosso sabor. Longe de nós qualquer drama de Ibsen, qualquer tragedia d'annunziana.

Queremos pernas... Pernas com muito «sal». Sobretudo com muita «pimenta»...



INFANCIA ABANDONADA

O lado mais humano e mais patriótico das sociedades perfeitamente constituídas talvez seja ainda aquelle que trata do immediato amparo ás crianças, da directa protecção á infancia abandonada. Tanto mais esta se manifestar, propagando-se, tanto maior será a desordem moral de um povo, extinguindo-se. Os relevos do quadro são quasi sempre, senão sempre, uma expressão dolorosa de soffrimento. Sem a efficácia de um cuidado pertinaz, o mal torna-se uma chaga, ou mais ainda — resolve-se num cancro. Todos os ideaes de patria, todos os élos de solidariedade nacional, perecerão afinal corroidos pela peçonha.

Para nós o problema se apresenta como um dos mais profundos. Mais do que a qualquer outro povo, nos interessa a sua solução. A justificativa ahí está flagrante. Um paiz como o Brasil, sem largas evoluções historicas, sem principios ethnicos perfeitamente definidos, perdurando ainda o formidavel attricto das tres raças que entraram na sua formação, tem necessidade, antes de tudo, de formar caracteres e homens, de



criar enfim o typo definitivo dessa categoria de sub-raça qual é, em essencia, a nossa.

Até agora a educação brasileira tem sido baseada em falsos principios de ordem moral sob uma completa ausencia de ensinamentos civicos. De resto, a infancia não nos tem merecido o menor cuidado; — olhamol-a com absoluta indifferença, esquecidos que della, um dia, na alvorada da Grecia invicta e eterna, nasceram os heroes de Sparta.

Valha-nos o auxilio do Conselheiro para uma affirmativa categorica: está na infancia todo o futuro da nacionalidade... O que se vê por ahi, entretanto, é a negação desse ideal.

Não se prepara a infancia para o justo cumprimento do seu dever. O descaso vâe mais longe: nada se lhe dá — tudo se lhe tira. Consequencia: a criança é um vagabundo conhecedor prematuro de todos os vicios de uma sociedade em franca decadencia. Espera-lhe um fim tragicamente doloroso. São bandos de futuros criminosos que por ahi vivem esquecidos, senão enxotados, á merce da sorte avara. Não escapam ás duras contingencias impostas pelo proprio meio, pela propria sociedade que não soube arrancal-os em tempo das bordas do abysmo. Depois, o hospital e a penitenciaria... Entre um e outra oscilla essa existencia incerta de infancia aviltada e envelhecida. E' de Graça Aranha a esmagadora verdade do paradoxo: «Nascemos velhos»... E' que o meio e os costumes ferram nos nossos descendentes o estigma terrivel — são prolongamen-



tos de nós, o nosso proprio sangue, a nossa tara, os nossos desequilibrios e os nossos vícios, reflexo directo daquillo que somos na patria e no mundo.

Quando um espirito extraordinario como o de Emerson affirma que a «educação da criança déve começar cem annos antes», é porque está na logica de sua intuição admiravel o que de viciado e máo existe nas gerações que antecedem á manifestação do plienomeno, reconhecendo ainda o mesmo Emerson a cumplicidade manifesta do pernicioso ambiente social e moral que actua no ser que desponta para o mundo. O problema é por demais delicado. Elle bem merece a immediata attenção de todos os legisladores.

A criança sendo apenas um rebento de vida, um sêr inconsciente, tem todavia uma poderosa acção no mundo moral; precisa de defesa, de mão segura que a ampare no largo caminho a seguir; carece de luz, de muita luz que a illumine nos seus primeiros passos, aclarando o mais possivel a sua trajectoria até a sua integração definitiva na communhão humana.

Apezar da delicadeza e gravidade do assumpto elle tem permanecido á margem, em completo abandono, absolutamente descurado. Nesse ponto somos verdadeiros retardatarios da civilização. Deixamos que por todos os centros do paiz se alastre a infancia abandonada, essa dolorosa infancia perseguida que sâe da miseria dos lares dos de mais humilde condição moral e material. São como pequeninos seres já crestados, vergon-



teas que fenecem sob o degelo de uma invernia cruel. Tudo lhes falta para o desdobramento normal de suas faculdades hesitantes, para a plena expansão de suas necessidades physicas. Victimas, dest'arte, do meio ambiente alterado em que nasceram, victimas ainda mais da incuria dos poderes constituídos, claro está que esses pequeninos organismos depauperados e contaminados por successivas taras, não podem attingir e muito menos completar o fim a que se destinam na sociedade presente. Seria preciso uma educação efficiente, um completo cuidado por parte da hygiene publica entendida na mais alta expressão do seu poder sanitario para arrancal-os paulatinamente de todos os antros miasmaticos, de todas as veredas perigosas em que o destino as collocou, e, aos poucos, com auxilio do tempo, restituir ao mundo seres pensantes, forças creadoras, expressões de vitalidade e de vontade, factores conscientes do progresso do grande mundo de amanhã.

Até agora nada se tem feito em prol da criança, principalmente da criança desvalida contra a qual ruge todo o eterno egoismo humano. Dos poderes publicos ella jámais recebeu um auxilio, um amparo, um favor, um cuidado. Nada mais justo, porém, do que promptas medidas que a ponham a salvo de todas as eventualidades futuras, amparando-a, educando-a, desenvolvendo-a, emfim, creando-a.

Esses pequenos seres que, por ahi pullulam, aos bandos, atrophiados, cretinizados por toda a



sorte de enfermidades de corpo e alma, são em verdade futuros candidatos das enxovias e dos catres hospitalares. Resume-se nisso todo o seu doloroso porvir. Surjam entretanto medidas que levistem o mundo infantil abandonado, elevando-o sob o amparo directo do conforto, da hygiene e da educação, e teremos assim preparados physica, moral e intellectualmente os representantes, no porvir, de uma sociedade e de uma patria, desta principalmente que está arriscada a se extraviar dentro de si mesma em consequencia do desamôr com que trata os seus proprios filhos.

O problema que ahi está latente merece por certo ser resolvido o quanto antes e com especial interesse por um paiz em formação como é o nosso, que ainda não possui a unidade nacional do braço, do character e da intelligencia.





DONA FRIVOLIDADE

Naquella fina reunião aristocratica de que eu, se bem me lembro, era horrivel conviva, havia na pompa da sala, um jogo floral de idéas, um surto brilhante de commentarios gentis, dozados ao rigor das pragmáticas intransigentes.

V. Exa., com a graça a bailar nos olhos e o sorriso a brincar nos labios, impunha-se graciosa e fascinante, ao enlevo do recinto, externando conceitos subtis sobre o bom gosto e o bom tom do alto mundanismo da nossa terra e da nossa gente.

Embebido e perplexo, em extasis de sonho mystico, lá no meu canto de sala, vasio de convivencia, só ouvia, de quando em quando, o rythmo argentino das phrases cantantes dominando a vaga timidez do auditorio enlevado.

E nesse divagar gracioso, o friso de idéas tão dogmaticas ficára pairando, indelevel, na tepida atmospheria da sala.

V. Exa. estava divina !

O Rio, o grande Rio, genuinamente «carioca», surgia em relampagos, com a pompa deslumbran-



te de seus panoramas e o brilho estonteante de suas elegancias. Entendia então V. Exa. que o nosso recanto de provincia devia abraçar, solidario, os costumes e os «chics» da alta sociedade da metropole — costumes e habitos, finuras aristocratisadas de salões, rigorismo absoluto de «toilettes», «bleriots» conduzindo na vertigem luminosa das azas o figurino do ultimo momento — um alto requinte parisiense, em summa, na patriarchal simplicidade da aldêa. Bello! Delicioso!

O auditorio estremecia enlevado e perturbado ao calor de tantas cousas incomparaveis. V. Exa. estava tentadoramente bella, magnifica e gloriosa. Era um paradoxo do exagero na moldura de um perfil de princeza extraviada por estas lindas campanhas amadas que têm na sin-geleza nativa a razão unica da graça...

— Não imaginam! Isto aqui é um horror!... No Rio, o «chic» é assim...

E cousas mais tragicas ainda enumerou V. Exa. sobre os nossos habitos e as nossas maneiras.

A's modas de Mapin, V. Exa. alliou os requintes dos «boulevards» com mais os enlevos e os «trucs» das regias habitações elegantes. Fôra desse meio e desses gostos refinadamente cariocas, copiadamente parisienses, a nossa humilde gleba, no claro e definitivo pensar de V. Exa. será sempre uma nesga de terra vasia, sem traço determinado no meridiano do bom-tom.

Resumo em toscas linhas vacillantes, a bel-



leza intangível dessas idéas: «a sala, a elegancia dos vestidos e dos passeios, a palestra sobre a ultima moda e o ultimo figurino devem ser preocupação unica das damas bem apresentadas»...

Sobretudo, a sala e o vestido... Fôra dessa linda estufa complicada, tão complicada que chega ás vezes a complicar a pesada «burra» paterna e a léve algibeira dos maridos, ella perde todo o encanto e toda graça, quebra-se como crystal ou se desfolha como a flôr ao sopro forte do vento.

Que grosseiro attestado de máo gosto, macular a alvura delicada de uma mão na aprendizagem barbara de uma lide domestica intoleravel!

V. Exa. ha-de permittir, entretanto, que lá das profundas obscuridades com que o destino implacavel houve por bem aquinhoar o meu espirito, me eleve um centimetro a mais, da minha insignificancia lilliputiana para lembrar uma simples historia ouvida em criança, com o mesmo enlevo com que escutava em horas de inverno, os contos phantasticos das «Mil e uma noites».

Certa vez gentil fidalgo da côrte russa, da Russia tumultuaria dos Nicolaus que não era ainda tão barbara como a Russia incendiaria dos Lenines, commettera condemnavel crime politico e fôra, por isso, obrigado a fugir, com sua dama, para confins mysteriosos d'outras terras.

No dualismo terrivel de uma situação apremiante o fidalgo moscovita preferiu a solução espontanea da fuga.

Passaram-se, nesse degredo doloroso, dias, mezes e annos. A' abastança principesca dos pri-



meiros tempos, succederam-se os primeiros symptomas da miseria. Augmentavam as difficuldades. O infortunio surgia fantastico, terrivel, esmagador. Já então, pelas manhãs de nevoas, tiritando sob o frio das immensas «esteppes», o cavalheiro gentil ia á conquista diaria do pão.

Sua fiél companheira, doce creatura palaciana, desconhecia qualquer meio de trabalho manual que pudésse minorar ao menos a situação afflictiva de ambos. Suas mãos de neve já-mais conheceram domesticas lides comesinhas. Fóra da etiqueta das salas onde aprendera a vestir e valsar, nada mais sabia.

Emquanto isso, a miseria augmentava. Um dia, vencido pelo trabalho, já sem forças para a luta, o fidalgo esposo atirou-se enfermo á enxerga miseravel. E a mulher, lavada em prantos, embrulhada nos seus farrapos descosidos, maldisse pela primeira vez a sorte implacavel, exercendo as frivolidades mundanas que em má hora fizeram-n'a inutil para os arranjos do lar.

Então, o gentil fidalgo da cõrte russa, preso á sua immensa miseria, minado pela fome, com as roupas cahindo, descompostas e rotas, olhou dolorosamente para a esposa enternecida, lamentando, do fundo d'alma, não ter naquelle doloroso instante quem lhe preparasse o magro caldo nem quem lhe pregasse um botão nas ceroulas...



TRAGEDIA DAS FOLHAS

Do ermo abandono da minha janella, sob este céu tristemente embaçado, assisto, absorto, á quéda silenciosa das folhas. E' a primeira manifestação fulminante, rude e fria, do inverno revolto, cobrindo de cinza, o encanto da paizagem. A tragedia é torturante e longa; symbolisa para o egoismo humano, penas e amarguras. Quasi todos os poetas, nos primeiros surtos dos seus carmes, ás vezes tocados de uma profunda tristeza romantica, comparam as folhas que cáem com as proprias illusões que morrem... Eu de mim simplesmente as comparo a pedaços de vida que a propria arvore perde, arrancados pela pestilencia mortifera das rajadas.

Vejo e sinto agora toda essa angustia que nella pouco a pouco se embrenha, procurando sugar a propria seiva das raizes, numa devassa inclemente que não encontra reacções e obstaculos. Dias a fio, com as primeiras mudanças da estação escalda, de violentas soalheiras tropicaes, a arvore começa a preparar a sua immensa agonia dolorosa. Por sobre as folhas perpassam os



symptomas iniciaes da anemia incuravel, ou antes, da anemia que só consegue a cura com o renascer da Primavera a palpitar em estímulos sagrados.

Pelo retesamento dos galhos corre um forte sopro de angustia, estremecendo num convulsivo soluço como que a antecipar uma nudez enregelada. O mal terrível pouco a pouco se alastra. O verde esmalte das folhas, matizado ao mesmo verde das esperanças que perpetuamente nos illudem, começa por amarellir, a principio num colorido de musgo a bronzear, logo após, em manchas vivas, côr de óca, manchas que pouco se accentuam e se alastram pela palma das folhas até penetrar na delicadeza subtil dos tecidos. Então, ao calor do sol que por vezes se deixa vêr, avaramente, a folha se retráe, encolhendo-se, enrodilhando-se na sua grande dôr silenciosa.

Mas, essa tortura vae ainda mais longe. Toda a folhagem do arvoredado se agita num desespero incontido procurando sustentar-se ainda, num ultimo esforço, á haste esguedelhada. Baldada, por certo, a luta. Um sopro de vento mais forte, um estremecimento mais demorado dos galhos que se sacódem, e, eil-a a rolar assim da altura, inconscientemente, em magicas fantasticas, em rodopios, em espiraes, em ancias, até se perder para sempre á flôr da terra, na mesma tumba anonyma que espera com a nossa vaidade, o nosso sonho e a nossa gloria...

E a arvore então, nua e soluçante, esguia

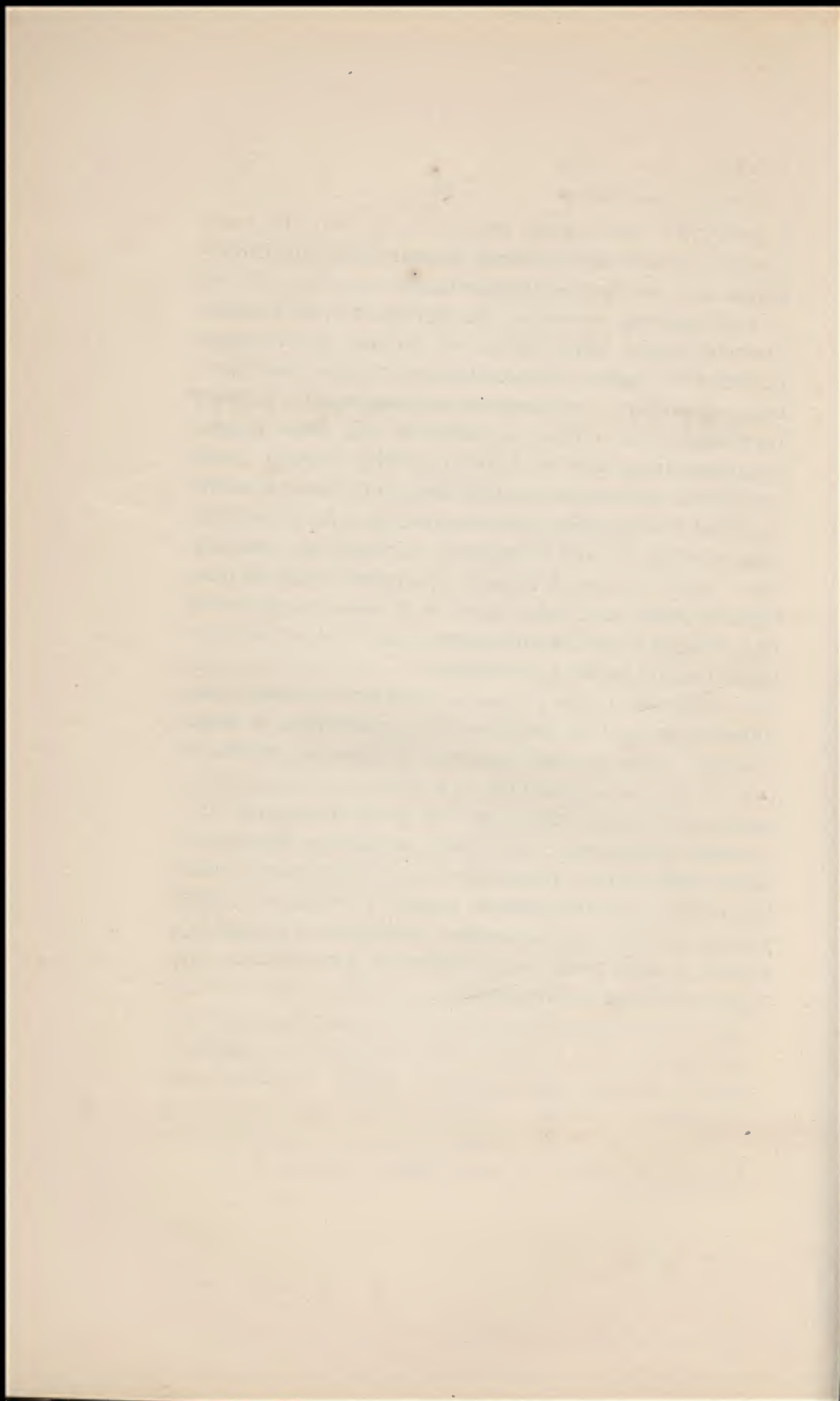


e perfilada, de braços erguidos, já não dá mais sombra e não abriga mais passaros no idyllo bucolico dos ninhos e das cantigas.

E' assim o cahir das folhas a que assisto, absorto, nesta hora hybernal de um silente crepusculo de morte. Succedem-se sempre os mesmos episodios, as mesmas scenas neste rapido transmutar de climas e estações. E' uma tragedia silenciosa que se prolonga dia e noite comovendo as creaturas que têm alma como a alma sensivel e delicada das arvores. Ao forte soprar dos ventos e das virações, já não se ouvem mais no cicio das folhas as queixas amargas que ellas soltam pelo ar contra a crueza navalhante das aragens que as fulminam em reboleios desesperados, em ancias e revoltas.

Não sei o que pensa sobre essa dôr immensa das folhas que se desprendem e morrem, o meu visinho, que ali está tambem á janella, nedio e feliz com o seu dinheiro e a sua obtusidade craneana. Exactamente por ser feliz o desgraçado talvez não pense... Por isso, passa-lhe despercebida essa muda tragedia das folhas que ainda ha pouco, no estio, foram verdes e brilhantes, fulgindo ao sol em scintillas metallicas, e, agora, seccas e mirradas, abandonam a arvore em caminho da eterna dispersão...





O FLAGÉLLO DO NORDESTE

(Trecho de conferencia)

.....

O que hoje nos congrega aqui é alguma coisa mais do que uma simples pró-formula convencional.

A solidariedade humana, no seu conjunto mais bello e na sua significação mais elevada, palpita no suave carinho deste ambiente. Um perfume de belleza embalsama todas as almas, infiltra-se pelos corações, se espalha pela harmonia infinita dos espaços. A vossa delicadeza de sentimentos, demonstrada em feitos e obras, lá fóra, quiz vir ainda até aqui, espontanea e vibrante, sacudida por uma commoção que não é muito vulgar na actualidade egoistica do homem. Solidariedade só póde ser isto; nada mais do que isto; fóra disto, ella perde a eloquencia do seu significado, agonisa, morre e desaparece no acervo da linguagem da raça.

Della, felizmente, temos todos nós, uma comprehensão exacta que não admitte as liberdades do sophisma. Sabemos que ella não traduz um



favor, mas que significa um dever, e isso é o sufficiente para affirmar e reaffirmar neste momento a nossa tranquillidade absoluta de consciencia.

Nessa situação que é um reflexo directo da nossa vida, eu tambem não podia escapar á responsabilidade de minha attitude nesta grande reunião do affecto, do amôr e do carinho. A gentileza do convite tocou-me profundamente na alma. Eu não podia fugir! Os anonymos e os humildes são tambem chamados ao cumprimento do dever. E' com elles que a solidariedade firma o seu prestigio, demonstra o seu valor e espelha sua belleza intangivel.

Por isso aqui me tendes para vos declarar, mais com o coração do que mesmo com a propria palavra, a immensa angustia que invade, empolga, e domina todos nós, os brasileiros, com a leitura das noticias sobre o flagello da secca que ora se manifesta nas longinquas regiões do Nordeste principalmente em toda a extensão do Ceará sacrificado.

Por mais que eu procurasse escolher outro thema para a digressão humilde desta noite, em que foi escolhida a imponencia deste velho recinto tradicional, com o fim de se perpetuar mais uma vez o amôr do homem para o homem; por maior esforço que fizesse em busca de um assumpto despreoccupado e leve que sahisse fóra da melancholia da nossa alma, a insistencia do fantasma havia de dominar sempre, terrivel e sinistra, subjugando o pensamento, acorrentando a idéa num unico ponto, na incidencia de um unico objectivo



que tem na sua fórmula abstracta o tragico poder de aniquilar todas as realidades.

Para que negar o prestigio immenso dessa força mysteriosa? Ha aqui mesmo, no nosso sorriso, na nossa palestra, no nosso olhar, no nosso ouvido á escuta, alguma cousa de extranho que o coração não sabe esconder.

No fundo da propria alegria ha qualquer resquicio de tristeza e de amargura, fóra dessa immensa tristeza nostalgica da raça que trazemos como herança, do berço, e que certamente levarmos connosco para o tumulo...

Melhor do que eu, sabem o vosso espirito e a vossa delicadeza de puros sentimentos affectivos: o que nos sobressalteia aqui, o que agora nos impolga, neutralizando todas as reacções, é a lembrança dolorosa dos nossos amargurados irmãos cearenses, em luta franca e tenaz, contra o sólo hostile da sua propria terra natal. Baldados seriam todos os esforços para desviar da retina essa visão encandesciente que se avoluma como um monstro de fabula, matando e arrasando.

Desse entre-acto eschyliano tendes, sem duvida, uma impressão inconfundivel que nem mesmo a gargalhada atroante do Momo que nos visita será capaz de dissipar.

Vêde o que succede: é o phenomeno da requeima. O sól calcina a terra. A terra, humilhada, já não tem energia para emfrentar o brilho do sól. Estabelece-se, com violencia, a luta entre terra e sol; sol e terra medindo-se em forças desobedecem á organização cosmica dos astros.



Emquanto o sol augmenta a sua grandeza interplanetaria, a terra aniquilada de morte, acceléra, ás cambalhas, o rythmo da sua rotação.

Eis os resultados da luta. Vencedor e vencida, ambos impõem, assim, á fraqueza do homem, as consequencias tragicas da desordem.

E' a sêcca.

Ao principio parece que não é nada. Logo depois, a natureza toda tem as suas primeiras convulsões. Dahi por diante começa o soffrimento. São ancias selvagens de quem se sente mortalmente ferido. Surgem lances de tragedia, fugas e arremettidas de esperanças, punhaladas de fogo vibradas de frente e do alto, pelos raios que se escôam por toda a parte. Impossivel agora deter a furia macabra que acompanha as vibrações de aço das soalheiras. Esse supplicio váe pouco a pouco augmentando, até que a terra sugada, exsangue, sem forças, entra em plena agonia! O que fica depois é um vasto scenario de patria talada e devastada. A sua superficie inerme povoa-se de genios que a desventura chamou a si. Fenecem as ultimas esperanças ao lado das derradeiras illusões. E' o solo abandonado, o trabalho para sempre perdido, a suggestão acabrunhadora da sêde futura, o fantasma fatidico de Ugolino, o canto-chão ululante das entranhas esterilisasdas da gleba inconscientemente ingrata!...

Ha ainda um leve aneio de vida que reluta, um estremecimento de coração que desespera. Mas, embalde! Todas as forças, todos os alentos,



todos os anseios, todas as tenacidades, todas as supplicas, todos os gritos de soccorro, morrem na garganta esbraseada e assassina da fornalha!...

Dir-se-ia uma scena do «Inferno» de Dante, illustrada pelo lapis diabolico de Gustavo Doré. Espectros medonhos erguem-se empoeirados pelas estradas. A fome apavora. Na disputa do pão ha o sacrificio da propria vida; na conquista de uma gotta d'agua os sedentos vão até o homicidio: são arrastados, empurrados, inconscientemente, ao crime.

Desesperados na miseria, ha um ultimo recurso enganador: a fuga precipitada para a verde Amazonia traiçoeira ... Por toda a vastidão do territorio ardendo na requeima, começa a luta violenta da emigração, as longas «bandeiras» dos retirantes constituídas daquelles que deixaram no solo hostile a centelha da ultima energia.

No meio de tudo isso, o horrivel espectaculo de uma figura martyrisada, de uma vaporosa forma que se dilue, á distancia, que se desfaz aos poucos no torvelinho do deserto calcinante... E' a mulher, — mulher e mãe, certamente cumprindo o sagrado destino do seu sexo. Marcha para frente, rumo ao sem rumo, arrastada pela inconsciencia brutal da fatalidade. Atrás de si, em filas, cambaleantes de fraqueza, os miseros filhos esfomeados, deixam os pedaços pelo caminho, enquanto a mater-dolorosa espreme do seio magro a ultima gotta miseravel de leite... Ao seu soluço casam-se tambem os gemidos dos velhos e moribundos, estatelados na ruina, já sem força



nas pupillas dilatadas para encerrar o sol que fulmina suas selvas, o sol que secca seus rios, o sol que aniquila suas campinas, o sol que arrasa suas lavouras. Já não ha belleza no céu cearense nem doçura na alfombra de suas florestas: o grito desesperado das mães e os gemidos dos miseraveis cobrem de crépe o encanto de sua paizagem!

Sempre assim, de anno para anno, collida por uma fatalidade sem nome, exhausta de energia, cansada de esperar no soffrimento o encantado remedio para o alivio promettido, a linda terra sertaneja do norte já não tem, para amparo do seu organismo dilacerado, a tenacidade inaudita da resistencia.

O Ceará attingiu neste momento ao supremo martyrio. Urge salvá-o das garras da destruição, da sua ruina total. E' certo que o Brasil inteiro olha commovido, com espanto, a grandeza dessa dôr tremenda. A solidariedade será inutil enquanto não se procurar, com a efficacia de todos os meios corrigir, attenuar, modificar, tolher, diminuir, ao menos, os dolorosos effeitos do phenomeno.

Do que fica dito, se fossem mais carregadas suas tintas, se o poder descriptivo pudesse reflectir toda a realidade do quadro, essa seria a situação exacta do Ceará.

Ella é, entretanto, muito mais grave. E' a agonia de um grande Estado irmão, a ruina, a dôr, a miseria, a morte de milhares de patricios, trahidos na honestidade e no sacrificio de seu trabalho, enganados pelas promessas de fârtura



e de riqueza com que lhes acenou o solo empedernido num dia em que a chuva cahindo, apenas meia hora, do céu, fez rebentar a mais soberba vegetação da terra...

Não me movem, neste momento pezadas e inuteis explorações de sentimentalismo. E' a verdade que fala sem a fantasia da graça e sem a belleza do estylo.

O mal que estando longe, está ao mesmo tempo tão perto de nós, pelo menos toca tão directamente ao nosso coração, tem um remedio que tambem não está distante. O que se conseguiu em vastas zonas estereis da Africa barbara, pôde servir de modelo a este bello pedaço da America civilisada. O grande problema, exactamente por ser grande, reclama solução immediata.

E só então, quando o flagello tiver attingido o seu termo; quando o homem retomar tranquillo o seu trabalho; quando a miseria, a fome e as epidemias tiverem desaparecido de toda a zona sacrificada do Nordeste; quando o soffrimento de milhares de almas fôr substituido pela radiosa alegria de uma existencia feliz; quando, enfim, a sêcca tiver desaparecido para sempre em face da reacção climaterica provocada pela propria mão do homem — o Brasil terá, então, encorporado a si, talvez ainda na aurora do centenario de sua Independencia, uma vasta extensão territorial que estando dentro de suas proprias fronteiras, é uma enganadora miragem geographica que nós apenas conhecemos pelo soluço e pelo heroismo dos seus filhos...



SOMBRA DE INVERNO

A primeira figura que hontem, ao sahir á rua, me perturbou a retina carregada de sombras, foi a de «miss» Leiberth, ingleza de Galles, delgada e loira como devem ser certamente todas as mulheres dessa longinqua Bretanha da nevoa, do sonho, do «spleen»...

Essa perturbadora impressão, quasi empolgante, recebi eu num passeio, ás cinco da tarde, quando a vi sosinha e leve, com o seu grande chapéo de plumas escuras, ondulando como uma caricia doce, alada, fugitiva, intangivel talvez na sua graça real, na esbelteza magnifica do seu talho insinuante modelado a Phidias ou a Rodin num longo espasmo esthetico. Não sei como reproduzir agora a delicada imagem dessa errante sensitiva mysteriosa. Sei porêem que era todo um relêvo impecavel de mulher bonita — bonita mesmo desde os traços mais leves aos mais accentuados traços, desde o esgalgo porte airoso até o seu conjunto de nervos a vibrar em harmonias perfeitas como cordas de lyras homericas, sensibilissimas. De suas pupillas de onyx escapa-



vam chammass e clarões illuminando curiosidades e abysmos.... Seu passinho airoso e lento como se andasse a pisar entre flocos de algodão attraiu como iman todo o ardente desejo aguçado de meus olhos profanos. A' sua passagem triumphal, grupos parados nas esquinas percorreram-na com miras insolentes, indagando do seu nome e da sua vida, promptos a lerem na velada alma de «miss» segredos de frageis amores á distancia, esbatidos agora pelo sopro melancolico da saudade... E eu, como os outros, tambem me perdi nos mesmos devaneios curiosos. Corri atrás do seu vestido cobrindo a delicia suprema das formas, a esculptura das linhas, toda a sua silhueta estonteante de um perfume acre e violento como um toxico venenoso. Mas de sua vida e dos seus mysterios logrei apenas saber o seu nome e a sua patria. O resto era como uma densa sombra impenetravel.

Curiosa creatura!...

Impassivel entre aquelle andar e desandar de povo, «miss» apparecia como por encanto, planejando direcções inexactas, mostrando na caricia de sua bocca mais vermelha que brasa, todo um ligeiro sorriso de singularidades sem nome no ardente vocabulario dos idyllos. Tambem eu arrastado pelo poder de suggestões incontidas concordei que devia ser de um sabor exquisito a caricia de seus labios levemente abertos numa attitude mystica, á Gioconda. Por meio da illusão que engana e da illusão que mata procurei



sentir na minha epiderme o fogo crepitante daquelle paraizo infernal...

Ai de min! Seus labios regelavam! Como me pareceu extranha aquella mulher tão attica de formas, flexivel como vime, quasi impalpavel, enchendo a rua de reticencias bregeiras pela bocca falaciosa dos desoccupados....

Tenho ouvido de cavalleiros experimentados em torneios de galanteria que a audacia é sempre o primeiro passo para a victoria definitiva.

Tentei resolutio esse primeiro passo. Foi então que «miss», a loura, flagelou-me com o despotismo de seu verbo:

— Não, leves, jámais, ó misero, a tua curiosidade além da restringida illusão que ella te offerece..

E assim desapareceu dos meus olhos attonitos aquella ultima sombra mysteriosa de inverno mascarada num sorriso de primavera perpetua.





CONTOS



3448

CONTOS



SUPPLICIO DE SABBAT

A CARLOS GARRIDO

Encontrei-o alta noite. Estava immovei, aca-brunhado, olhando o leve esbater do luar sobre a folhagem verde-cinza das arvores.

Seu magro rosto precocemente envelhecido se contrahia, de continuo, numa expressão violenta de dôr, de apathia, de inercia, de cansaço. Dir-se-ia que toda a terrível sanie de um mal sem cura, dominava o seu atormentado intimo myste-rioso.

Tal qual o vi assim, a primeira vez, vejo-o ainda agora, na mesma posição, pregado a um banco do passeio do caes, fitando o vago, as es-trellas, a algida paizagem nocturna. A bocca fe-chada, a exprimir de quando em quando um tre-geito que não chegava a ser um sorriso, a som-bria immobilidade de suas pupillas enfermias es-condidas entre fundas orbitas encarvoadas, todos os seus gestos mais discretos, imprimiam-lhe um traço satânico, um livido aspecto de visão infer-nal errando á face da terra. Mais parecia aquelle sinistro mocho sem azas que um dia traçou o la-



pis diabolico de Doré que a propria figura imperturbavel de um homem.

* * *

Pouca gente áquella hora fruía no passeio mal alumiado, a delicia de uma noite suave. De vez, ao forte contacto do vento, os platanos e as palmeiras esguias tinham sussurros desolados, injurias e desabafos, ao silencio da vida, á noctivaga quietude da cidade morta. Os proprios cafés cantantes, as casas alegres disfarçadas com vagas reticencias bregeiras, capazes por certo, de metter medo aos que se iniciam na rampa da libertinagem retrahiram-se no mysterio scenico dessa existencia a portas fechadas onde todo um mundo tragico de possessos representa o ultimo acto de um drama entre Silenos, Satyros e Bacchantes...

Por fim, quebrando o pezado somno das cou-sas, alguém fallou sob a caricia do luar. O extranho indifferente olhou de esguelha, além, e de novo como se sentisse subjugado pelo poder de uma pezada força invisivel, caliu na sua habitual attitude doentia. A mesma voz continuou, mais perto, chamando-lhe por um nome amavel, invocando-lhe as eternas exaltações de Sabbat, toda a barbara litania pagã da desejosa carne florescida. Elle, entretanto, como que tomado de enfado deixou-se ficar impassivel como um eremita, de olhos cerrados para não ver, de ouvidos tapados para não ouvir.



Então uma flexível figura de mulher, rodopiou á sua frente, mais leve que uma folha, sorrindo, cariciosa, em estudadas attitudes traiçoeiras. E já bem proxima, num sonóro garganteio de supplica, interrogou o extranho indifferente:

— Porque, meu amôr?...

O homem em verdade, como se estivesse realmente longe, bem longe, fóra do mundo, mal alteou a luz dos seus olhos mortiços, até aquella sombra tentadora do Peccado, e, estendendo em curva o braço, traçou no ar, uma negativa resoluta, rebatendo a insinuação sem recato, do convite. Silencioso, depois, desviou o olhar para o alto fitando a lua descorada, perdida lá em cima nas immensidades elysias, ora a fugir, ora a voltar-se num vae-vem continuo, cambaleando ás vezes como bebedo vagabundo errando desnorteado entre tumultos de nuvens nas alturas.

Mesmo assim a mulher não desesperou. Armou-se de novas artimanhas; mostrou-lhe através de um sorriso de volupia, a nevada brancura dos seus dentes ainda perfeitos. Procurou outros recursos, novas ciladas, outros meios suggeridos pela natural agudeza do instincto: fez-lhe vêr as linhas harmoniosas do rosto a belleza tentadora das formas, a esculptura magnifica do corpo, toda a chamma ardente da mocidade arrebatada, vibrando, cantando, clamando. Em balde! Elle continuava indifferente, procurando não comprehendel-a naquelles requebros sensuaes de rapariguita nova, a dansar, coleante como aspide vencenosa, dentro da noite...



Baldados de vez assim todos os esforços a incipiente viciada dos prostibulos, vencida agora pelo degelo de tamanhá indiferença, atirou, ao homem, numa unica palavra canalha, toda a imensa revolta da sua presença offendida. Presto seguiu rua em fóra, humilhada nos galanteios da sua profissão, nas tentações da sua mocidade a trescalar um exquisito perfume de flôr que não chegou a se abrir inteiramente na radiosa primavera da vida...

* * *

Quando de novo ficou só, o homem estremeceu de cólera. Mediu a rua deserta, com profundo rancor. Continuamente, aquelles assaltos augmentavam ainda mais o inenarravel horror do seu supplicio. Por toda parte mulheres e mulheres, em satanicas attitudes tentadoras... Uma nuvem negra crusou-lhe pelo espirito como brusca apparição de uma fantasma. Recordou então um certo periodo de sua atormentada existencia passada. Era uma visão sinistra. Era lá que estava a chave do enigma terrivel. Dolorosa recordação! Lembrava-se bem da scena com todo o tremendo cortejo de minucias que o tempo lhe avivava na memoria. Reconstruiu mais uma vez os factos:

Cahira doente. O mal, segundo os esculapios em voga, era sem cura. Um anno de cama, prostrado, inerte, vencido... Para salvá-o, o medico só encontrou um recurso entre os poucos recursos que a incerteza da sciencia lhe dava. Era



operar. Claro que entre a morte e a acção salvadora do bisturi o prudente cirurgião não vacillou — escolheu a ultima. E assim, salvando o doente, extirpando a peçonha, fulminou o homem, matando o instinto...





A VOLTA DAS ANDORINHAS

A HUGO BARRETO

Embebido na scisma que agora o domina, João de Souto vê através das grades da prisão, a unica nesga de céu que dado lhe é descortinar.

O dia foge em lentas recuadas para o crepusculo, tingindo o poente em vermelho violento, quasi a zarcão, a se distribuir por toda a paizagem, graduando-lhe as cores e ferindo o azul com subitos clarões de incendio, ao longe. Certo, quem olhasse sempre do mesmo ponto aquelle unico pedaço de céu, embaçado ás vezes, azul quasi sempre, teria, na retina, una visão exhaustiva e monotona. Mas os olhos d'aquelle encarcerado, afundados na sombria concavidade das orbitas tiveram, de prompto, o imprevisto de um espectáculo que não lhe era familiar, ou pelo menos, para o qual nunca se voltára a sua attenção. Descrevendo remigios alcandorados em barulhentas revoadas e saracotes, um grande bando garrulo de andorinhas, as primeiras deste luminoso e quente final nostalgico de inverno, esvoaça, espaço em



fóra, investindo os ares na plena liberdade das alturas. E nesse ziguezaguear continuo, em adejos de bohemias livres, mais livres que as proprias cigarras que á hora do meio-dia vêm estridular á minha porta, pedindo-me favores, como se eu fôra formiga, essas lindas andorinhas descrevem curvas delicadas, ondulações suavissimas, tagarelam e chilram. Todo o espaço está cheio de um rumor incessante de azas agitadas.

Pelas frestas quadrangulares da prisão, o homem recluso, silencioso e de pé, perde-se em conjecturas amargas, olhando fixamente, aquelle ponto do espaço sem termo. De vez em vez, o sol que tomba o illumina em cheio, encaveirando-lhe ainda mais a macilencia do rosto.

Prosegue no alto a pacifica revolução das andorinhas. Vendo-as, assim, na livre conquista dos ares, elle sente por toda a alma, a dolorosa nostalgia da terra distante. Amordaçado entre as paredes sombrias da penitenciaria, só agora se apercebe de quanto vale a ventura de ser livre, de que elle se desviára num gesto instinctivo de delinquente. As aládas expansões d'aquellas aves, nada mais são do que um doloroso contraste áquelle momento provocado pelo Destino, mostrando-lhe em flagrante, a differença entre a sua existencia reclusa no tugurio infecto e aquelle azul diaphano de céu infinito, que jámais deteve o impeto livre das azas. No transmutar do tempo, que demoradamente passa, em que as horas são contadas por dias e os dias marcados por mezes, seis annos que ali estava encarcerado, sem



mais esperanças de conquistar a vida liberta que perdera. Sentia já que se aproximava a hora das grandes provações irremissíveis. De momento a momento, as dôres augmentavam, minando-lhe a fundo o velho corpo alquebrado.

Entretanto, uma nova estação chegava em eclosões de vida, de sonhos, de esperanças. Depois de uma ausencia de mezes, migradas noutras paragens longinquas, além dos mares verdes, as andorinhas voltavam, mais uma vez, no goso impertubavel de sua liberdade, annunciando a volta da primavera que começa, primeiro, por espancar a lithurgia hybernal da natureza, logo depois fazendo renascer a seiva dos troncos e das raizes, depois ainda, transformando a nudez dos galhos em brotações de folhas, de flôres e de fructos, enchendo toda a terra de fartas méeses promissoras.

Folgam, a faltar, as endiabradas andorinhas! Surtos de revoadas ao sol; azas a bater em assomos para a immensidade; dialogos entrecortados de investidas e gorgeios; redemoinhos, ora lentos, ora bruscos, tudo isso ellas fazem pelos ares, mostrando-se na mesma nesga do céu, a unica que o olhar ferido de João de Souto abrange, atravéz do gradil da aljuba detentora. Como settas negras se precipitam, vertiginosas, ás vezes, até á beira dos telhados para logo se elevarem em vôo rapido, singrando a immensidade tranquilla das alturas, em conversações que morrem á distancia para depois se animarem num comicio quasi revolucionario, com entrecortes de pipilos, de voejos, de disputas, de interesses fa-



miliares em jogo... Sempre assim levam ellas a vida, esquivas a tudo o que não se prenda ao amplo espaço aberto, ao jorro do primeiro sol estivo, lourejando as seáras e as lavouras.

Para o recluso, no emtanto, aquelle tumulto aereo é como uma provocação, uma insistencia ironica em mostrar a liberdade, lá fóra. A volta das andorinhas é o prenuncio da grandeza, o inicio do renascimento, o hymno da vida, da luz, da liberdade, do amor. Por onde ellas passam os caminhos se illuminam e os lares se enchem de paz, de felicidade, espalhando na incerteza das almas o pó de ouro da esperança.

Tardio e inutil convite... Esperanças? Elle já não n'as tem. Dominado pela doença, envenenado pela nostalgia, certo só a morte o aguarda entre as quatro paredes do cubiculo immundo.

Agora que bem sentia no fundo da consciencia ter reparado com o maior de todos os soffrimentos, o gesto criminoso do seu braço; agora que na alma surgiam os albores da redempção, as trefegas andorinhas, que antes nunca vira, que talvez mesmo nunca percebesse, voltavam de outras terras, de outros céos distantes; ruflando azas ao sol, chamando-o para a vida, acordando-o para o mundo povoado de promessas por seculos sem fim.

O condemnado vê ainda uma vez a brutal violencia do contraste. Olha uma vez ainda aquella nesga de céu por onde passeiam as aves livres.

E dos seus olhos enleitados as lagrimas então começam a cahir...



A VERDADE

A ARISTIDES CASADO

O joven tragico acabava de entrar em agonia. Rodeado de amigos e curiosos permanecia estirado num pequeno catre de ferro, no seu quarto de casal, com amplas janellas abertas para o fundo glauco da praia. No quarto contiguo, o cadaver da esposa ainda espalhava no ar um odôr morno de vida. As roupas caseiras e leves que vestia accentuavam-lhe mais aquella brancura de morta.

Esmerilhado o facto, os episodios ressaltavam violentos, envoltos num commum conflicto de adulterio. Fora assassinada na occasião em que Berton, o marido, o tragico, se apercebeu de seu passo clandestino para os braços abertos do amante.

O caso se resumia assim :

Berton não trabalhára á noite. O espectaculo havia sido suspenso até novas determinações do empresario. Diante do occorrido, elle voltou para casa quando foi advertido do delicto: — estavam lá dentro amante e mulher... Foi então



que um gesto impulsivo o sacudiu, fazendo-o estremecer... Abriu a janella a murros; uma perna desaparecia, precipitada, pela porta interior. Desvairado pela conclusão esmagadora da scena que surgia aos seus olhos puxou, allucinadamente, do pequeno *Smith* d'algibeira e desfechou-o contra a esposa. Em seguida, virou a arma contra o seu peito — e novo tiro... Eis a scena; eis o facto. Agora, as consequencias do delicto. A mulher morreu instantaneamente. Elle, a retorcer-se, convulso, cahiu sobre uma cadeira e ali permaneceu na mesma posição, num arfar incessante de musculos feridos. Não havia proferido uma só palavra; gemia, apenas, nessa debilidade de vida que pouco a pouco se esvãe semelhante a *smorzamentos* de accórdes. Chegaram em seguida a policia e o medico. Este, ao ver a mulher estendida no solo, murmurou indifferente:

— Nada mais tenho a fazer... Está morta!

Voltando-se para o delegado:

— Vamos agora ao outro!...

Era Berton.

A sua historia se desvendou ali mesmo, sob o olhar da Justiça e a curiosidade dos *reporters*.

Casára-se na Europa, depois de triumphal *tournee* pelas platéas da America. Seis annos de vida conjugal. Presto, a esposa se revelou tão sómente na belleza. Pouco se interessou pelo marido, muito menos pelo artista festejado e querido. De educação romantica, a bater ás portas da histeria, quiz sentir as sensações d'um novo estado... Mais nada talvez...



Era indiferente e tola diante das mais emocionantes scenas das tragedias antigas, desde Eschylo a Shakespeare, onde Berton punha em relevo a suprema belleza da arte impolgante, denunciando na harmonia de cada gesto o meticoloso cuidado de annos a fio de estudo. Era frivola no amplo sentido da palavra. Frivola e bonita... Por isso, talvez, só era escandalosamente feliz nos braços possantes de um comparsa mediocre...

O tragico pôz-se, pouco a pouco, a par daquellas aventuras amorosas. Guardou silencio, disfarçou a sua grande dôr, escondeu, nos recessos de sua alma emotiva, a vaidade de artista ultrajado, e esperou a prova, a prova fatal que mais cedo ou mais tarde surgiria esmagadora e cruel.

Muitas vezes, de volta do theatro e do ruido tempestuoso das acclamações, quando ella dormia, começava numa larga inquirição de si mesmo, procurando a causa do ultrage. Então, uma alcova revolta, devassada pela presença de outrem numa successão de caricias arrebatadas, surgia misturada na duvida aos seus olhos allucinados, até que, naquella noite, ficou sciente da dolorosa e esmagadora fatalidade que matou para sempre tudo o que elle havia imaginado de nobre, de bello, de grandioso, dentro da sua personalidade poderosa e vibrante.

Suspensio, como fôra, o espectaculo, voltou para o hotel, machinando a desaffronta terrivel, quando o *garçon*, a quem elle, dias antes num



momento incontido de fraqueza, confiára, sem reserva, as suas duvidas, annunciou-lhe friamente este facto:

— Entrou lá dentro um homem...

Foi o quanto bastou. Ao abrir da janella com suprema violencia, elle tirou com o revolver aquella suprema conclusão...

* * *

Na agonia lenta, em que pouco a pouco se mergulhava, havia, como no derradeiro momento dos que tanto subiram, um equilibrio de perfeita lucidez, correndo-lhe diante da retina, como uma projecção cinematographica, tudo o que fôra no passado longinquo.

Relembrava, aos poucos, a sua arte divina, a sua excelsa attitudo de iniciado, determinando as minucias do theatro moderno tal como elle as conhecia, procurando sempre se approximar o mais possivel da creação ideal que sahia da imaginação dos autores para a luz scenica do palco.

Tudo fôra vago e indeterminado por meio de symbolos desconnexos. Só a intelligencia do interprete actuava, só ella dava vida e creava a verdade sonhadora, enganando-se, entretanto, a si proprio. Sim; elle agora bem compreendia o mysterio... Tantas vezes elle mentira, tantas vezes elle enganára, que tinha momentos de duvida pavorosa sobre aquella scena real, pedaço bem vivo e bem tragico da sua propria existencia fôra do theatro.



Pelo seu espirito, passava um vago remorso daquella vida triumphante de tragico applaudido por todas as platéas, ambicionado por todas as mulheres, invejado por todos os outros artistas que bem conheciam a sua arte impecavel onde a sua personalidade se destacava grande e invencivel, ora humilde e lacrimosa, ora terrivel e sinistra, jogando destramente com todos os gestos, possuindo-se de todas as vibrações que a vida vae lentamente perdendo nos paroxismos da morte implacavel... E caminhou como um judeu errante da grande arte, através de todas as tragedias, completando typos, estudando as psychologias mais nebulosas e varias. Analysou profundas variantes de agonias produzidas pelo punhal ou pelo veneno; acompanhou num incessante escaldar de nervos todos os rictus marcando a vitalidade do coração e do pulso.

Era de facto um observador acurado. Uma infinidade de personagens elle encarnou e completou em longos dias de gloria. Morrendo infinitas vezes, quasi que todas as noites, foi ao maximo das grandezas theatraes, infundindo, nos espectadores abysmados, uma complicada escala de sensações, desde a piedade ao horror com que acompanhamos a existencia de uma personagem em scena. Vinha até elle a legião dos heroes da tragedia grega. Foi Admeto, rei de Thères; foi o Edipo-Rei da bruma tempestuosa do mundo atheniense despertando ao som dos peans patrioticos. Foi todo o theatro tragico de Eschylo e Sophocles, passando depois ao Romeu lyrico e



contemplativo dos amovaveis jardins do Capuleto; transformou-se em Othelo delinquindo pelo ciurne e pela honra, surgiu em todo o theatro shakespeareano, tumultuoso e vario, cheio de sangue e ambição, de colera e vingança, distribuido por todas aquellas figuras de criminosos que passam á luz das ribaltas como espectros da immensa luta humana... Encarnou-se varias vezes em Tartufo e D. Juan, de florete em punho, provocador e impavido, amarrando em cada corda da guitarra um coração feminino...

Tudo isso elle recordava, tudo isso elle bem sentia naquella hora fatal em que o seu bello mundo artistico cruzava pelo seu pensamento preso á lucidez espavorida dos condemnados. Eram creações ideaes que se erguiam dos tumultos empoeirados, velando-lhe a hora sinistra, assignalando-lhe a fuga precipitada do tempo... Uma por uma elle conhecia aquellas rondas macabras, aquellas visões allucinadas, aquelles fantasmas passionaes. Tndo aquillo elle fôra, tudo aquillo elle encarnara, tudo aquillo elle havia mostrado entre ovações estupendas, aos olhos das platéas attonitas.

Mas só naquelle momento terrivel, o ultimo da sua vida, elle se tornou humanamente verdadeiro...



VENENO...

Nesta hora de primavéra em viço, as flores de laranjeiras estão cahindo.

E' a nostalgia ardente das arvores, o fogo rutilo das fecundações vindouras, o estremecimento sagrado de novas vidas que anceiam e lutam; é o sorriso das uniões inviolaveis, o espasmo da natureza se animando ao ealor violento da seiva gloriosa e doce como o beijo doee e venenoso do labio que se ama...

As folhas cáem; as laranjeiras permanecem silenciosas, desertas, abandonadas entre o reverdecimento luminoso das folhas.

Choram... Lembram gritos dolorosos de uma vingança que é um mysterio, que é um desprendimento nostalgico da grande dor que as domina, arrebatando-as de subito num sacrificio supremo. E as flores com o seu perfume — pedaços de ais nevados pela mais ideal das alchimias — estonteiam o espirito, embriagam o pensamento, infundem a grande magoa universal da *Mater Dolorosa*, mostrando em suas entranhas tola a epopéa eyclica da existencia que surge...



Por isso as laranjeiras soluçam nesta hora ardente de revelações.

Assim as vejo, assim as contemplo nas manhãs fugidias de uma primavera precóce ou nas brandas tardes de tepida maciez oriental, quando a pompa dantesca do accaso tem bizarras sensações de incendios e clarões.

* * *

— Que nos dirá o futuro?...

— O futuro... O futuro... Quão mysterioso e vago elle é...

.....

Essas phrases desordenadas, farrapos fluctuantes de um grande enygma, vieram-me aos ouvidos quando, á tarde, fui para sombra das laranjeiras fital-os embebidos naquella mystica postura de penitentes. Elle e ella... Dois buscadores de miragens, dois presos suavissimos das atracções da alma, dois ambulantes perdidos na larga estrada da vida, mostrando nas pupillas em chamma a victoria inconsciente do amor.

Encontrei-os muitas vezes. Eram sempre os mesmos, planeando sonhos, vislumbres de um céu maravilhoso e desconhecido, vibrações de beijos musicados á hora mysteriosa do sol morrendo. Appareciam-me subtilmente, fallando em esperanças, em ideaes, em sonhos, em puras chiméras de amôr...

Assim os fitei naquella tarde de Setembro, cheia de sombra e aroma, sob as laranjeiras si-



lenciosas. Pareciam-se como tísicos, como figuras de cera que os museos expõem com o rotulo da molestia terrivel. Não sei mesmo o que de vago e de estranho me despertam aquellas orbitas illuminadas. Ancias de vida, extasis de corações, venturas extinctas, pedaços desordenados do passado, fragmentos de auroras cphemeras, todo um mundo increado nelles palpitava indeciso tal qual como uma téla medieval, prenuncio de arte ainda não realisada, onde as imagens surgem desmaiadas e tristes, nebulosas e hesitantes.

Eram assim quando os vi. Tinham os labios sumidos, em derradeiro palôr, emquanto os olhos mal se volviam numa alegria sem expressão, quasi cansada, e nem siquer abrangiam a linha do horisonte ao longe. Pelo meu espirito perpassaram cousas terriveis em que elles seriam decerto os protagonistas. Esperavam o futuro como quem espera um amigo, uma caricia, um encontro amoravel, ou (quem sabe?) o encontro indifferente da terra, onde aquelle mundo inteiro, preso á flôr murcha dos labios iria desaparecer com o cantico gemente das litanias da Dor, cantadas no mysterio apavorante das sepulturas á flôr da terra, onde todos os sêres e todos ideaes se confundem num amplexo de renascimento e de transformações successivas. Devassar aquella angustia seria perturbar aquella scisma em que ambos se mergulhavam longamente, dolorosamente, lembrando visões e formas diaphanas, presas entre a realidade da terra e o mysterio do céu.



Deixei-os tal qual os vi naquella tarde de sonoras vibrações de renascimento, de desejo, de vida. Lá ficaram, ambos tysicamente tristes, presos ao toxico do mais extranho dos idyllios, ebrios pelo perfume das flôres que cahiam como novelos de néve, mostrando na attracção do seu veneno, o eterno vigor das primavéras flôrescidas.

O' vós que amaes com o desvelo dos crenctes, com a impetuosa esperança dos moços, que tendes n'alma a mais bella das illusões, a se transformar na mais bella realidade -- temei sempre o perfume que illude e mata das flôres de laranja...



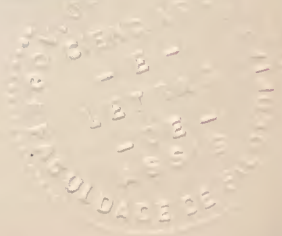
CABELLOS BRANCOS...

O relógio de parede gemêra, pausadamente, na sala de jantar, nove horas da manhã. O dia estava delicioso. Uma doce carícia languescente embalava a verdura luminosa do jardim enbebido de finas essências estonteantes. Pela galharia revolta das árvores emplumadas de verde, erectas e gloriosas, os canários cantavam presos á suave ternura dos ninhos. E o sol, de novo forte, estimulando em beijos fecundos a seiva renascente, quebrava-se em feixes metallicos, pelas janellas escancaradas á luz, abertas á suave viração da manhã.

D. Clara, a linda senhora das soberanas atitudes de plastica, ainda no seu largo e perfumado roupão de fazenda transparente e léve, pouxada á frente do grande espelho de crystal, na alcova em desarranjo, espreguiçava os seus bellos braços de marmore, fruindo esse mólle entorpecimento do despertar numa delicia de vida que recommença.

Erguera-se do leito havia pouco, descansando ainda estremunhada, á espera de refazer a

6859



toilette, na qual bom tempo sempre gastava com a complicada subtileza dos reparos. Seu marido tomára, ás prêssas, a pequena e habitual chicara de café simples e sahira para o escriptorio, enquanto ella ficára no ninho, alegre e feliz, transbordando em sorrisos, acariciando-se a si propria, enamorada talvez de si mesma...

* * *

Casára-se muito moça. Aos desoito annos, numa noite fria de inverno, de lama, de chuva, o seu coração a um outro alliou-se na vida; e a chuva e a lama e o frio dessa noite de inverno, certo, doces reminiscencias agora lhe acordavam... Parecia-lhe tão perto tudo aquillo: a saudade, ás vezes, ao contrario de augmentar, diminue o vasio das distancias.

Do laço amoroso nascera uma filha, que lá andava nas monotonas lições de piano, leda e faceira, com os seus grandes olhos de vidrilho negro, sempre enlevada pelas tocantes ternuras maternas. Apesar da pequena ter sorrido aos primeiros *symptomas* de moça, no perfume dos treze annos que chegavam, a mãe *affectuosa* possuia ainda o esplendor *attrahente* de sua belleza de solteira. De sobejo isso bastava para lhe dar n'alma uma pontinha de orgulho e de vaidade, tão natural ás mulheres, quer *mysticas*, romanticas ou *scepticas*, principalmente quando bonitas. Sentia-se moça, admirada e commentada, pela sua graça aristocratica presa a um suave perfil de



romana. Muitas vezes assim pensava. E tinha razão. Enquanto outras, tantas outras mais, naquella idade de trinta e cinco annos, decahiam com fadiga dos trabalhos, com o pezado encargo dos filhos, ella mais bella se tornava na sua delgada silhueta da senhora e de moça, povoando de encanto e de ternura aquella pequena casa discretamente escondida entre ramagens viçosas, num fundo silencioso de rua.

Assim que se erguera do leito parára, bocejando, ainda somnolenta, deante do espelho do «psyché» dourado. Sua filha, que havia terminado a lição, vinha no seu passinho subtil, enlaçal-a no abraço matinal, offerecendo a beijos os finos labios entreabertos. Acariciavam-se mutuamente, ao mesmo tempo que as mãos morenas da pequena percorriam, ageis, o cóllo, o pescoço, o rosto e a cabeça da senhora enlevada.

Com aquellas scenas de todas as manhãs D. Clara tinha uma requintada ventura, explorando quasi sempre nessa incontida vaidade das mães. Sabia-se, com orgulho, amada pelo marido e filha e até mesmo admirada pelo olhar avido dos curiosos... Era o quanto lhe bastava na tepidez daquella manhã de primavera agitada de instinctos e estímulos victoriosos, expandindo-se no perfume excitante das flôres, no azul turqueza do céu, e, penetrando-lhe por todo o ser, em desejos, em impetos, em clamores de vida, de força, de belleza...

Assim, esteve longamente a sorrir para Branca, redobrando os carinhos e afagos num abso-



luto egoismo. E a risada argentina da filha, como um trinado de canario, se espalhava por toda a casa em desordem.

— Como mamã é boa!...

Aos pulos, enlaçava-a novamente. Depois, outros beijos, outros abraços; depois, pensativa...

Em seguida demorou o olhar vivaz e trefego na farta cabelleira de D. Clara. Repentina, tomada de uma subita admiração ingenua, explodiu:

— Olha aqui, mamã!... E adelgaçou magoadá, para aquelles lindos olhos que a fitavam, dois longos fios de cabellos côr de leite, encontrados ali, escondidos naquelle monte de seda negra. D. Clara fitou-os, extatica, deante do espelho, á luz em jorros se despejando janellas a dentro. Nunca os vira; nunca havia pensado em tal... Coisa sem monta e sem valia. Certo não merecia pesquisa...

— De sua cabeça... Mamã já está ficando velha!...

Mas, ao mesmo tempo a pequena teve um expediente logico, resguardando a mulher, pelo engano e pelo artificio, contra aquillo que o tempo, em lucta com todos os obstáculos, tenta pôr á mostra.

— A mamã porque não os pinta?... Já sei que outras fazem assim... Que tem isso de mal?

E' que na creança ingenua, a revelação immediata do instincto de defeza tocára, afinal, o seu primeiro rebate.

A senhora não déra resposta ás insinuações de Branca; resguardou-se em scisma, muda, inde-



cisa, no desarranjo de sua *toilette*, a olhar aquellos dois fios estranhos. «Estava ficando velha», dissera-lhe a filha... Realmente a pequena não deixava de ter razão. Já não eram poucos os annos que contava (verificando com cuidado os calculos de memoria) trinta e cinco!... Que era isso, afinal? Por um momento fulgiu todo o encanto bizarro de sua frescura de mulher moça. Sentiu-se mais alliviada. Mas esse allivio durou pouco. De novo, em sua frente o indiscreto achado da filha... Outra vez a scisma; a tristeza e a duvida outra vez. De nada poderia servir aquella rutilante apparencia physica, se ali mesmo surgia a prova esmagadora e implacavel, contra a qual se quebram todos os artificios e todos os disfarces!... Dois fios de cabellos brancos! Prenuncio da velhice que vem vindo. Quem sabe se outros... E precipita as mãos pela bella cabelleira desmanchada. Felizmente nenhum mais. E' que os olhos e os espelhos tambem enganam e mentem... Entretanto estava convencida que não era um engano. Ali presos á cabeça, os dois fios se destacavam, quasi tão alvos como dois fios de linha.. Já não havia mais remedio — outra vez seismava; estava velha, irremediavelmente velha, e dali por deante tudo seria peor, derruindo-se as illusões, fulminando a mocidade. Todo um orgulho fraccassou humilhado por aquella bruseca denuncia do cabelo, por aquelle achado inconveniente de sua filha. Quantos outros não surgiriam dali por deante, quantos não iriam indiscretamente ferir a sua vaidade, toldar a sua graça, enrugar o rete-



samento das linhas, quebrar a harmonia pagã de sua plastica?... Lembrou-se, então, com verdadeira surpresa, do porte da filha... Como estava crescida!... Parecia-lhe mesmo que a sua estatura se modificára num segundo. O vestido de tecido leve, simples e elegante, já ia além dos joelhos, alongando-se pouco a pouco, pelas pernas bem torneadas, numa esbelta promessa de mulher, e ella que tola! pensava —, querendo ainda ser moça... Não demoraria muito, Branca havia de sorrir ao primeiro namorado. Depois, quem sabe, casar-se-ia. E eil-a, finalmente, sogra! Um horror! jámais realidade tão negra lhe mostrou destino tão torvo... Seria o baque de toda a sua vida, a derrota da mocidade em caminho de frias decrepitudes polares, servindo ao mesmo tempo, de remoque aos rapazes impertigados nas esquinas, esfuziando chufas...

Por um momento suspirou largamente, passeando suas bellas mãos pela cabeça oval e cheia. Achou-se, outra vez, bonita e nova, tal qual quando casára, com o mesmo encanto faceiro, a mesma delicadeza aristocratica de linhas ondulantes. Não mais pagava a pena pensar *naquillo*... A sua belleza não soffrera a mais leve alteração; e a prova palpavel ali estava na tensão de seu corpo de jaspe a fazer ciume ás estatuas de Rodin. Aquelles dois fios que tão imprudentemente se destacavam aos seus olhos, em nada alterariam o frescor sadio de sua formosura. Agora se convencera disso, da insignificancia do achado. Mas outra vez, uma nova indecisão...

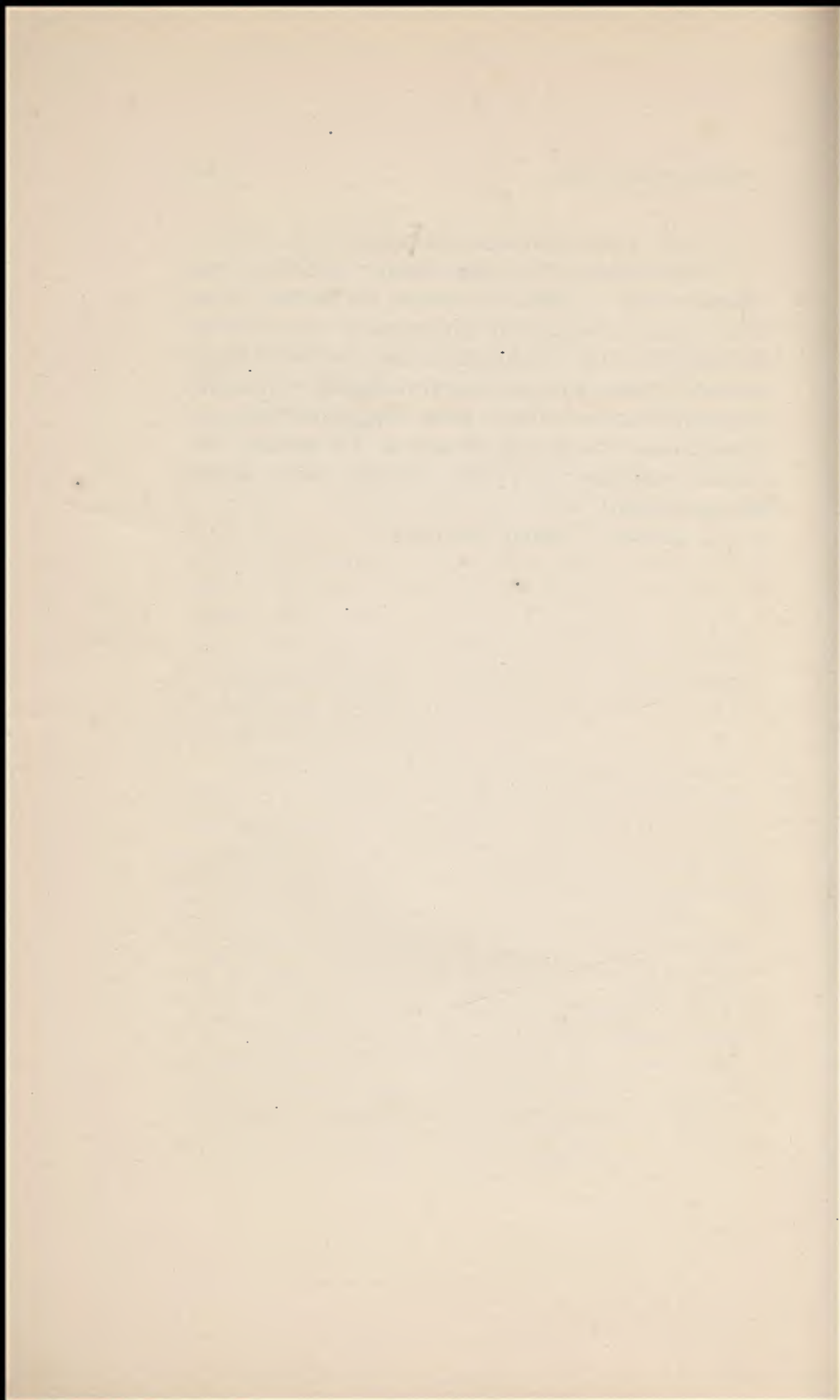


— Se elles pudessem desaparecer...

Pensou um pouco, silenciosa, revendo-se pela vigesima vez no grande espelho de crystal. Furtiva, alongou depois os olhos para todos os lados, afim de que a filha nada percebesse, e bruscamente, numa rapidez extraordinaria, mordendo violentamente os labios, toda offegante, como se commettesse um crime, arrancou ali mesmo, da formosa cabelleira revolta, aquelles dois longos fios indiscretos...

E suspirou, afinal, aliviada.





PECCADORA

Esta historia é a tecla tantas vezes batida de um motivo que tem dado logar a uma ruma de contos e romances, de dramas e novellas. Sendo banal e não deixando de ser romantica é, entretanto, uma historia verdadeira, e muito mais curta do que realmente imaginaes.

Eu vol-a conto :

Chamava-se Branca. E esguia, e comprida, tinha Branca naquella magreza piedosa de tísica uma alva brancura de opala. O seu typo recurvo, enrodilhado pelo excesso da tósse, dentro de léve vestido azul claro, o mais amado dos seus vestidos, evocava lembranças de antigas visões tyrolezas gyrando em torno d'almas subtis, nas longas noites invernosas das montanhas. Quando ella, no seu passinho meúdo e lento caminhava pela casa vasia, tinha vertigens terriveis, allucinações de pavor, e por todos os cantos era uma desfilada louca de fantasmas silenciosos; outras vezes, recordava cousas exquisitas: canções entrecortadas de soluços, clarões de luar espalhados no ermo, imagem mystica de um sonho derruido,



camelia nostalgica d'algum jardim agonizando ao sol frio de uma tarde de agosto... Historias tristes, naturalmente. Recordo-me de tel-a visto em qualquer parte -- onde, não sei bem -- semelhante a uma vara de vime vergada pelo vento. Era talvez mais uma visão de Verocchio, uma sombra incerta e dolorosa dos quadros de Fra Angelico, do que a propria figura em alto relevo de uma tuberculosa, immersa na duvida de si mesma, assistindo em vida a toda uma mocidade que se desfolha em completo abandono.

Alta noite, como ronda somnambula de conventos calados na sombra, Branca andava de um lado para outro, suando, ao mesmo tempo que tinha calefrios, sob a pressão das hemoptyses, desfeita em sustos e queixas, continuamente a tossir, uma tossesinha sêcca que se perdia, sem eco, na quietude nostalgica da casa. No velludo enlutado dos seus olhos faiscantes, no magico encanto de suas fundas olheiras palpitava a chamma de uma ironia, e, no sorriso de seus labios irritados e murchos, um sarcasmo inconsciente de quem se entrega á morte numa exaltação de vida, de sonhos, de esperanças, de enganos, verdadeiras traições da marcha da molestia para, á hora já proxima da agonia, attenuar o seu effeito terrivel.

E sempre assim, a tossir caminhava por toda casa, de braços cahidos, com os pequenos seios sumidos na alva cambraia do corpete. Febres damninhas escaldavam-lhe a fronte macerada por



onde seus cabellos, mais fulvos que negros, des-
ciam numa intensa trama de fios.

Uma noite, retemperada de quando em vez,
por vivas esperanças de allivio e de cura proxi-
ma, Branca se atirou resoluta ao armario, arran-
cando lá de dentro, numa confusão de rotulos e
de vidros, o frasco de remedio ainda intacto que
o medico receitára na visita da manhã. Ingeriu-o
em pequenas dozes, certa de promptas me-
lhoras; reclinou-se, depois, á caricia macia do di-
van.

Começou então a pensar.

Ao seu lado, ninguém. Todos os amigos, os
seus «amiguinhos» como ella dizia, haviam fugi-
do. Caso curioso: sentia-se agora muito mais bel-
la, mais fragil, mais subtil, mais etherea... Entre-
tanto, nenhum amante mais para possuil-a...
Pouco a pouco adormecera sob o pezo de um
fundo resentimento. Subito, um alvoroço de
promessas e miragens!... Eram os sonhos de
um amôr novo — mais um entre tantos amo-
res que tivéra — arrebatando-a num trans-
porte de mocidade feliz, enganando a molestia
terrivel no delirio de quem se entrega a ample-
xos entrecortados de gemidos offegantes. No des-
vario do sonho provocado pela febre, sentia que
enganava o amante imaginario nos braços de ou-
tro amôr mais forte, mais ardente, mais impetuo-
so... Para ella, agora, dentro daquelle sonho, quan-
do todos haviam fugido com desculpas mal dissi-
muladas, começava a resplandecer na penumbra
da alcova, uma grande aventura amorosa, uma



volupia infinita que a molestia interrompera, um idyllio pagão á sombra de bosques mysteriosos, onde regatos de prata mal deslizavam por entre a verdura macia da relva. Em torno, Faunos e Satyros possantes, de troncos nús, a arfar, retesos os musculos, cumpriam o culto sagrado com desejos berrantes e tangencias de frautas...

O sonho continuava.

Ainda uma noite, Branca entregava toda a fragilidade de seu sêr a um novo amado herculeo, certamente mais bello que todos os que até então conhecera e que tão deprêssa fugiram de seus braços marmoreos. Novamente arrebatada, pela volupia sem fim de beijos e de abraços, não já de um, mas de uma legião inteira de amantes, sentia-se conduzida além de nuvens esgarças, coroada de rosas e de pampanos, núia e triumphante como a unica e suprema encarnação de Aphrodite...

Para que continuar? Deixemol-a na illusão satanica do seu sonho. No conto, no drama ou no romance é de praxe matar essas desventuradas. Mas a felicidade é sempre vaga e enganadora, e talvez mesmo só naquelle momento lhe coubêsse em partilha um pouco da ventura almejada. Para quem sonha o sonho é sempre uma realidade. Deixemol-a assim até que se lhe cumpra a sentença com que Jesus alvejou todas as Magdalenas...



TENTAÇÃO FEMININA...

Foi na Galeria Cruzeiro, ao entardecer. Era sabbado. O bonde da Gavea, aliás como quasi todos os bondes da «Jardim Botanico», despejara ali uma onda fremente de «fazedores» de avenida. Tornara-se intenso o movimento na grande arteria carioca. O ruido eusurdecador dos automoveis se fazia ouvir em todas as direcções; os passeios estavam apinhados, principalmente nas duas quadras entre Assembléa e Ouvidor, os pontos preferidos pela elegancia feminina. Era uma exhibição quasi fantastica de fórmãs, trajos e pedrarias. Parecia mesmo que naquelle momento o Rio estava num dos seus dias estonteantes de Carnaval.

«Madame» desembarcou a sorrir mostrando, vaidosamente, a todos, a graça dos seus labios e a brancura de seus dentes. O cavalheiro que a acompanhara no mesmo bonde, tirou respeitosa-mente, o seu chapéo, ao descer, numa despedida cortez de conhecimento recente.

Ella, porém, o deteve, num requinte de amabilidade:



— Se quizer me dar a honra de um passeio pela Avenida, até á Sorveteria Alvear.. A tarde está linda e o movimento encantador, não lhe parece?

O cavalheiro se poz inteiramente á disposição da gentil senhora, concordando com a belleza da tarde e com o encantador movimento da rua. Todavia, levado por motivos intimos quiz explicar a sua situação por demais melindrosa aos commentarios da Avenida — o ponto mais preferido do Rio para o terrivel escalpéllo publico. Que não diriam, depois, as vituperinas linguas habituadas á lama da diffamação e do ultraje, vendo-o assim ao lado da esposa de um velho amigo com quem ha annos travara conhecimento numa repartição publica? Sobejavam-lhe outras razões a mais para ficar indeciso. Aquelle conhecimento fizera-o por méro acaso, em dez minutos de bonde, quando ella, por bisbilhotice natural de uma amiga, ficou sabendo que elle, além de ser da provincia, era viuvo e rico. Era a segunda vez que conversava com «madame». Alem disso, para mais reforçar o temor, o seu amigo, alto funcionario da secretaria, jámais procurara lhe apresentar a esposa. Não lhe parecia bem, por consequencia, sair só rua em fóra, acompanhando-a, e mais o seu lindo e inseparavel «lulú» da Pomerania, raça canina de bons e bellos animaes de notavel e decisiva influencia no coração e no amor das mulheres e que possuem sobre estas, segundo a opinião de um notavel naturalista chinês, Fun-Gú, a altissima virtude de serem indiscretos...



Nas tentadoras «vitrines» da Casa Royal «madame» estava curiosa. O brilho intenso dos seus olhos negros, rasgados a fundo, se misturou ao brilho não menos intenso das finas pedras em exposição. Sorrindo para o cavalheiro, ella não deixou de fazer uma phrase reveladora de uma profunda psychologia:

— Não imagina: sou uma grande amiga de joias... Julgo-as indispensaveis á graça e á distincção da mulher...

— Perfeitamente!... mas...

Nesse «mas» quasi imperceptivel o cavalheiro quiz se explicar; desejava pedir licença para se retirar; tinha um encontro marcado afim de resolver negocio urgentissimo. «Madame», porém, não comprehendeu ou não quiz comprehender e de novo, com um perturbador sorriso de triumpho, insistiu para que elle a acompanhasse até á Sorveteria Alvear; sentia calor e desejava tomar um gelado.

Submissamente, o cavalheiro accedeu, já lhe despertando certa curiosidade aquella extranha senhora que não temia se expôr ao venenoso commentario publico.

A Avenida augmentava de movimento. Uma indecisão de crepusculo começava a manchar de cinza os edificios mais altos, e a occultar, aos poucos, o verde sujo das arvores. «Madame» seguia garbosa, passo meudo e léve. Trajava com rigor e bom gosto, num rigorismo quasi á Eva... Seu perfil era de um moreno delicioso e saudavel, de um porte esgalgo e flexivel, com attracções feli-



nas na oscillação cadenciada das ancas. De quando em quando, num requinte todo seu, deixava vêr até o tornozelo as finas meias côr de bronze. Os «almofadinhas» e os velhos decrepitos, atacados de senilidade, estacavam, de bocca aberta, em attitudes marotas, mostrando a sua cupidez imbecil no brilho amortecido e uevado dos olhos.

Ambos entraram na Sorveteria Alvear. Uma ruidosa vida elegante se agitava lá dentro. O ambiente estava voluptuoso e morno. As luzes começavam a scintillar. «Madame» acceitou um gelado de crême, enquanto a palestra recomeçava animada; os seus olhos travessos e dominadores se fixavam em todos os pontos do recinto. Elle ouvia-a embebido, respondendo ás vezes timidamente, num acanhamento quasi provinciano. Depois, «madame» falou com grande interesse da proxima temporada lyrica no Municipal. Citou Zola Amaro... Seu marido ia fazer um sacrificio, mas pouco importava; o que ella queria era não perder a temporada. Dizia-se anciosa por exhibir suas «toilettes». O seu olhar, de novo, percorreu todo o ambiente rumoroso. Notou um ligeiro defeito no vestido de certa senhora da alta aristocracia de Botafogo; viu detidamente todas as outras damas que trajavam com verdadeiro requinte. Sentiu-se feliz. A sua «toilette» não estava inferior ás que se consideravam mais bellas, mais léves e transparentes, ás que se apresentavam, emfim, mais ao rigor da moda...

Ao entrar de um amigo, o cavalheiro se sen-



tiu mais uma vez perturbado. Era necessario tomar uma attitude. E levantando-se:

— Se v. exc. dá licença...

— Está bem; podemos sair, respondeu «madame» e logo á porta accrescentou sorrindo:

— Oh! o anoitecer está devéras poetico, não concorda? Faz-me bem á alma este crepusculo, esta alegria...

E «madame» começou a expender lyricas considerações romanticas sobre a alegria, sobre o crepusculo e sobre a noite. Depois estacou brusca, como quem toma uma outra resolução:

— Já ha dois mezes que não vou ao Leme; é o meu passeio predilecto... Se fossemos até lá... E' necessario fugir um pouco ao tumulto. Talvez a minha imprudencia o incommode...

— Absolutamente!... Com grande prazer... Entretanto...

A perturbadora senhora, conhecedora a fundo, pela natural agudeza do instincto, da psychologia dos provincianos, principalmente viuvos e ricos, encarou-o numa triumphal attitude dominadora, falando mais com a luz dos seus olhos do que com a delicia nervosa da bocca.

— Então, quer dar-me a honra?...

Já era demais. O cavalheiro não se conteve: mandou ás ortigas o provincianismo, a timidez, o medo, os commentarios, as convenções... Chamou uma «limousine», nella entrando em companhia de «madame». E assim, ambos commodamente installados, desapareceram no asphalto lustroso da Avenida...

1870

1. The first part of the paper is devoted to a general introduction of the subject, and to a statement of the objects of the investigation.

2. The second part contains a description of the apparatus used, and of the method of observation.

3. The third part is devoted to a description of the results obtained, and to a discussion of their significance.

4. The fourth part contains a summary of the results, and a statement of the conclusions to which they lead.

5. The fifth part is devoted to a discussion of the general principles of the subject, and to a statement of the objects of the investigation.

6. The sixth part contains a description of the apparatus used, and of the method of observation.

7. The seventh part is devoted to a description of the results obtained, and to a discussion of their significance.

8. The eighth part contains a summary of the results, and a statement of the conclusions to which they lead.

9. The ninth part is devoted to a discussion of the general principles of the subject, and to a statement of the objects of the investigation.

10. The tenth part contains a description of the apparatus used, and of the method of observation.

11. The eleventh part is devoted to a description of the results obtained, and to a discussion of their significance.

12. The twelfth part contains a summary of the results, and a statement of the conclusions to which they lead.

13. The thirteenth part is devoted to a discussion of the general principles of the subject, and to a statement of the objects of the investigation.

14. The fourteenth part contains a description of the apparatus used, and of the method of observation.

15. The fifteenth part is devoted to a description of the results obtained, and to a discussion of their significance.

16. The sixteenth part contains a summary of the results, and a statement of the conclusions to which they lead.

17. The seventeenth part is devoted to a discussion of the general principles of the subject, and to a statement of the objects of the investigation.

18. The eighteenth part contains a description of the apparatus used, and of the method of observation.

19. The nineteenth part is devoted to a description of the results obtained, and to a discussion of their significance.

20. The twentieth part contains a summary of the results, and a statement of the conclusions to which they lead.

ELOGIO DO SUICIDIO

Baila-me ainda na retina o esguio perfil nervoso de Luiz de Penha, o poeta satânico do «Elogio do suicidio».

A impressão que delle recebi é de todo recente. Lembro-me como se fôra hoje. Sob a tetrica lampada do seu tugurio, na solidão da noite erma, elle me falava então confusamente, num tumulto de rebelde e de allucinado, do seu ultimo poema em prosa que deu azo á policia providente cahir sobre a obra torturada, feita em febre e delirio na ancia suprema de uma extrema revolta. E quando lhe inquirei sobre tão brusca reclusão naquelle quarto escuro de manicomio, o poeta ergueu de subito a cabeça, fitou nos meus seus olhos esgazeados e começou o relato de sua chronica tragico-excentrica:

— Oh! meu amigo!... Tudo isto é uma penumbra. Como foi, nem eu mesmo sei; lembro-me, apenas que estava nos ultimos remates de uma leitura entre velhos amigos e bons camaradas. Imagine só o resultado... Um horror!... Eu mesmo não imaginára tal conclusão nas linhas



sinceras de um livro. Depois, creia o meu amigo, aquella minha theoria tem a sua base, a sua logica, o seu fundamento, o seu ideal, e a sua synthese reflecte uma verdade, para quem é impotente, todo o immenso terror desta aljuba. Mas que quer, meu amigo? Condemnado pelos homens, amordaçado pela policia, o objectivo do poema, que é uma scentelha quasi sagrada de minha alma, não deixará de ter o seu éco no fundo das consciencias amarguradas pelo soffrimento. O suicidio é aquillo mesmo... O amigo leia com attenção e verá. Creia que defender tal idéa não é para todos um diploma de honra, muito menos um motivo de orgulho. Se tão alto elevei a sua grandeza foi tão sómente confiado no seu verdadeiro bem, rasgando estradas mais amplas, linhas mais rectas, conclusões mais seguras. O que lá está é a verdade integral e absoluta, muito embora proclamem por ahi a minha loucura, o meu amor ao paradoxo, quando me referi ao homem fraco que, ao se eliminar por suas proprias mãos, se apercebe de uma morte com mais vida, com mais belleza e, quiçá, com mais honestidade. Loucura!... Sempre se é louco quando se pensa differentemente dos outros... Leia Nietzsche e verá que o divino doido, (elle doido!) condemnado a morder os ferros do presidio infamante, construiu a mais admiravel philosophia da verdade, da força superior, unica capaz de dar á existencia o rythmo que lhe falta. Apezar dos apupos violentos, dos sarcasmos sanguinarios de uma multidão inconsciente e vingadora,



dora. foi no suicidio o unico caminho qua elle encontrou para os fracos...

Deu-se, então, a revolta por parte de toda uma sociedade, dardejando em colera. E' o quanto basta para o meu amigo avaliar da razão do humanissimo philosopho. O Zarathustra, o super-homem divinizado pelo poder espantoso da concepção, afinal de contas não é mais do que o refinamento dessa idéa levada ao extremo de uma theoria. Elle mesmo affirmára que o «fraco não tem direito á vida; é uma barreira aos fortes». Mil vezes preferivel é isso do que se ir ao termo final da existencia, arrastando a miseravel fraqueza da Esperança, ponto de apoio dos indigños!... De tormento em tormento, ahi vae essa humanidade deshumanizada, traiçoeira, impotente e vil, á espera unicamente de viver para morrer. Confesse, ó meu amigo: isso é barbaro e mesquinho, justificando-se, dest'arte, a esperança como a mais cobarde das fraquezas... Creia-me, estou falando com a chamma da convicção, embora lá fora estejam em gritos estridentes de doidos aquelles que me chamam de louco... Sempre se é assim. Lembre-se que Goethe o foi no «Fausto», Dostoiewsky na sua obra genial, que é a tortura da Russia anarchisada.

Eu apenas bendigo o suicidio como o bem supremo da força, trilha luminosa que nos leva á eterna harmonia das almas através do desespero e do soffrimento...

O poeta calára-se. Notei depois que a sua



figura de rebelde, envolvida no delirio e na febre por um ideal tão vago, tinha apenas um desejo desesperado de vida — uma louca esperança de fugir...



O BILHETE

Lentamente elle abriu uma porta e entrou silencioso na alcova. Era o ninho de toda a sua felicidade perdida, de subito deserto e ermo, fechado entre um punhado de saudade naquella noite silenciosamente triste, povoada de genios tumulares.

Justamente ha trez dias, depois que sua amiga se ausentara para sempre que elle ali não entrava.

Que desolação agora!... De nada mais falava aquelle santuario da sua unica e suprema felicidade conjugal. Era como um templo abandonado sem deuses e sem crentes. Apenas a luz indecisa da lamparina punha tons desfallecidos nas paredes, emquanto a sua allucinação creava e movia fantasmas por entre os moveis empoeirados.

Só agora, em face de morte brutal que quebrára aquella união de sentimentos affectivos é que elle comprehendia a belleza da vida, a razão unica da vida através de ephemeros dias de felicidade. Porque não se déra aquelle desfecho



antes, do seu ideal largar o vôo pelo céu luminoso da illusão?

De tudo o que fôra como enamorado e como esposo restava apenas um montão de recordações sobre um montão de ruínas. E délla, da sua bem amada, só lhe ficara a lembrança de horas ditosas, entremeada com lances desesperados da molestia que a fulminou. O amor, os trez annos de casado, a ventura inalteravel de um lar risonho e feliz, acorrentavam-lhe o pensamento, torturavam-lhe o espirito, arrastavam-lhe ao desespero. Tudo morto, tudo acabado, tudo perdido! Assim, entre queixas e conjecturas amargas elle caminhava de um lado para outro no quarto deserto. A's suas passadas largas e continuas estremecia toda a casa. O perfume dos objectos que foram d'ella allucinavam-lhe ainda mais os sentidos, avivando-lhe lembranças de cousas aereas, vagas, perdidas, evocações perturbadoras de caricias, de beijos, de amplexos, de ancias, de vida victoriosa.

Os seus passos incertos tinham ali dentro um éco soturno e funebre. Ao seu ruido as cousas todas despertavam. O quarto inteiro era um depositario de recordações, um tumulto de saudades encerrado dentro da noite immensa.

Depois, á frente do espelho teve da sua pessoa, delle, a impressão de um livido phantasma, de um verdadeiro espectro ambulante, tal o abatimento que causara no seu physico a perda irreparavel de sua companheira.

Por muito tempo permaneceu ali como que



pregado diante de si proprio, até que a allucinação de novo trabalhando deu a sua torturada imagem contrafeita, linhas mais nitidas, relevos mais fortes, apparencia mais viva. Uma outra visão creara forma. Já não era o seu vulto desfigurado e amarello que se reflectia na frente do espelho de crystal. Era ella, a sua bem amada, a mais perfeita das creaturas, a mais candida das mulheres surgindo, com a doçura ondeante das suas formas, em plena harmonia de linhas, na suavidade impecavel das curvas, mostrando-se emfim, radiosa, com sua pèlle fina e branca como um alabastro sem veios; sim, era ella com os seus finos labios côr de papoila encarnada, a conversar satisfeita na plena certeza de ser rainha e deusa. Alli estava aquella vaporosa forma encantada do amôr reintegrando o esposo no dominio da felicidade. Assim, diante de uma divagação exaltada do espirito Lucilla, a mais amada de todas as mulheres surgia, de novo, á sua frente, como uma apparição de milagre, por entre o caixilho do espelho, naquella longa noite de viuvez. Um profundo anseio de vida escapou-lhe de um suspiro pezado e longo. Voltando a si porém o homem procurou pouco a pouco se desviar daquella mentira dos seus olhos, daquella traição do seu espirito doentio. Sentiu-se exaustito. Procurou novamente caminhar, fugir para longe de tudo aquillo que lhe fazia mal aos nervos irritados. Sentou-se á beira da cama, de mão no rosto, pensativo. Subito tentou erguer-se, espancar a sua dor com passadas mais largas pe-



la casa deserta. Mais uma vez começou a fitar os objectos, as cousas todas que lhe feriam a retina agoniada. Em cima dos moveis, num negligente abandono, quanta cousa ainda della... Flôres murchas, pentes, fios de perolas, fios de cabelo, um pequenino lenço aromado com seu perfume predilecto, minucias enfim, da vaidade feminina, poemas da mulher amada... Quanta cousa mais!... E tudo aquillo elle apertava entre seus dedos, olhava, beijava, como se sentisse em cada objecto uma parte de Lucilia, tal como ella fôra no esplendor victorioso de sua ardente mocidade. Ali estava todo amarrotado, quasi esmagado, um pequeno bilhete azul, cheio de uma letra meuda e nervosa, talvez a saudação affectiva d'alguma amiga anciosa pedindo noticias da sua saúde. Fôra encontrado pela creada no seio da morta na occasião em que vestia o seu corpo. E o joven viuvo, procurando agoniar-se ainda mais cheio de indisivel prazer por tudo que lhe trazia a recordação da esposa saudosa, abriu a mensagem azul para lêr.

.....
A revelação era terrivel — uma carta do amante!...



NOTA FINAL

Leitor ou leitora :

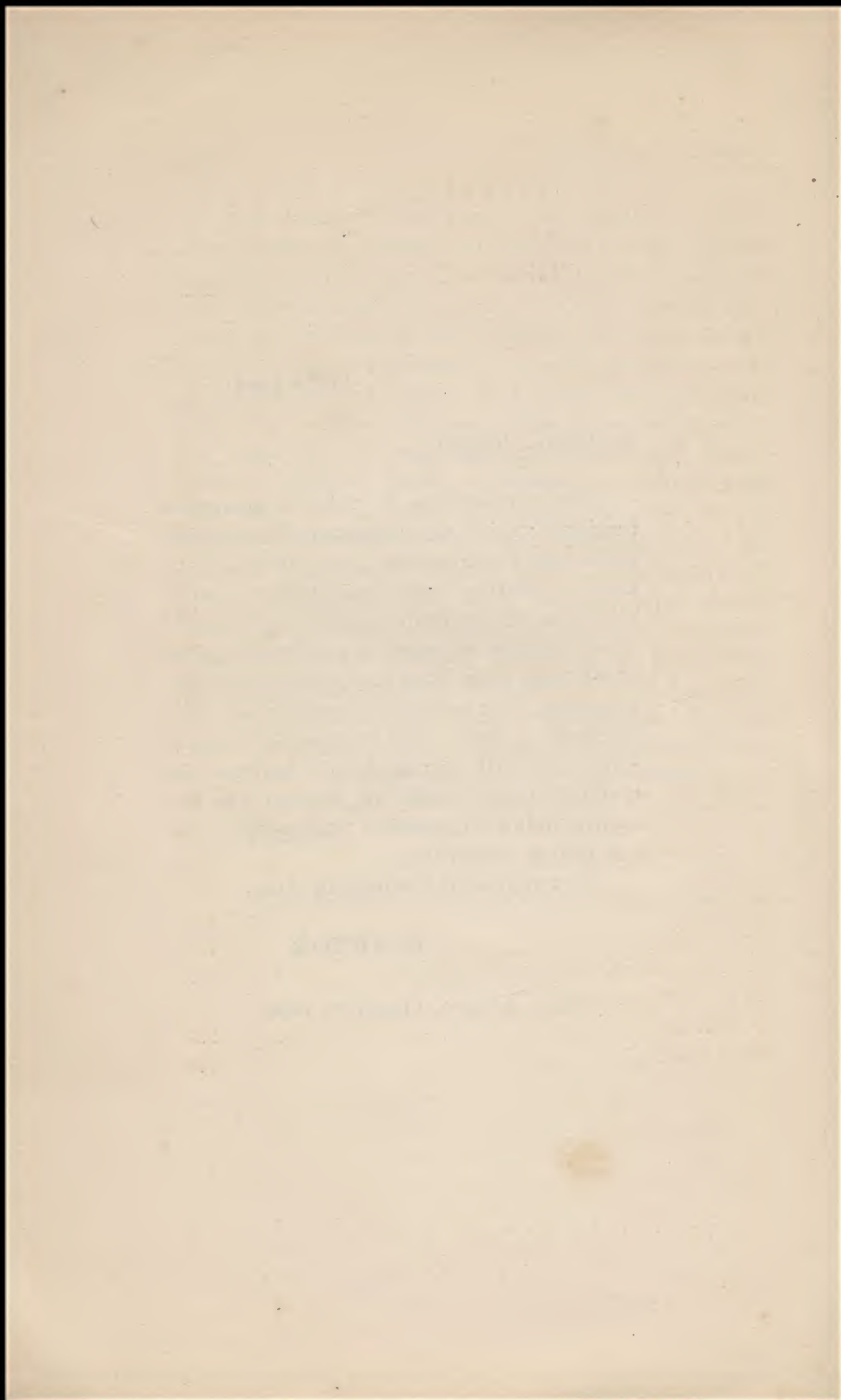
Se conseguiste ir até o fim destas paginas vacias de interesse, isso talvez mais por indulgencia que por bom humor, permite que eu affirme com absoluta sinceridade que a publicação deste volume representa a primeira phase de uma vida litteraria completamente apagada num recanto da provincia. Não ha nelle a mais léve expressão de originalidade, de novidade, de belleza. Se o dei á publicidade foi levado tão sómente pelas suggestões sympathicas de um editor temerario.

Era o que me cumpria dizer.

O AUTOR

Porto Alegre, Outubro 1920





INDICE

CHRONICAS

	<u>Paginas</u>
No olvido	7
A confusão das linguas	11
Esboço de bandido	17
Rondon	23
Praias	29
Poeta excommungado	33
Motivos de arte	37
Symbols	41
A Moral no Theatro	47
Infancia abandonada	53
Dona Frivolidade	59
Tragedia das folhas	63
O flagéllo do Nordeste	68
Sombra de Inverno.....	75

CONTOS

Supplicio de Sabbat	81
A volta das andorinhas	87
A verdade	91
Veneno... ..	97
Cabellos brancos	101
Peccadora	109
Tentação feminina.....	113
Elogio do suicidio	119
O bilhete	123
Nota final	127



liv. bas loubor
gmp - 294/61
#200





2501

